

Anno II

Março de 1933

N.º 4 e 5

# REVISTA DO ENSINO

ORGAN DA DIRECTORIA DO ENSINO PRIMARIO



PUBLICAÇÃO TRIMENSAL



Imp. Off. -- João Pessoa -- Paraíba, 1933 -- N.º 719

## ADMINISTRAÇÃO DO ENSINO PRIMARIO

Secretario do Interior — *Dr. Argemiro de Figueiredo*

Director — *Prof. Eduardo Montetro de Medeiros* (em commissão, como fiscal do Governo Federal, - junto ao Collegio Pio X)

Director interino — *Prof. José Baptista de Mello*

## FISCALIZAÇÃO TECHNICA

- 1.<sup>a</sup> zona escolar — *Prof. Sizenando Costa*
- 2.<sup>a</sup> " " *Prof. Leontidas Santiago*
- 3.<sup>a</sup> " " *Prof. Manuél Vianna Junior*
- 4.<sup>a</sup> " " *Prof. João Baptista Leite*
- 5.<sup>a</sup> " " *Prof. Francisco Lucas de Souza Rangel*
- 6.<sup>a</sup> " " *Prof. Mario Gomes Peretra de Souza*

Anno II

Março de 1933

N.ºs 4 e 5

# REVISTA DO ENSINO

ORGAM DA DIRECTORIA DO ENSINO PRIMÁRIO



PUBLICAÇÃO TRIMENSAL



Imp. Off. -- João Pessoa -- Parahyba, 1933 -- N. 719

Universidade Estadual de Paraíba - UEPB

BIBLIOTECA CENTRAL

ACR 170 Atala Augusto Costa - João Pessoa



# SUMMARIO

|  | PAG. |
|--|------|
| Exercícios e lições — Julieta de Vasconcellos .. . . .                                     | 3    |
| Cinema Educativo — Dr. M. Florentino .. . . .  | 9    |
| Pestalozzi — Ext. .. . . .   | 15   |
| Pela Instrucção Popular — Matheus de Oliveira .. . .                                       | 23   |
| Cumpri o Dever — Sylvia de Pessôa .. . . .   | 27   |
| A Escola Nova e o Professor — Ezilda Milanez .. . . .                                      | 31   |
| Cultura Estetica — Mario Gomes .. . . .  | 35   |
| Ligeiras Notas á guisa de estudos scientificos — Vianna<br>Junior .. . . .                 | 39   |
| Verdadeiras directrizes da educação — S. Loureiro .. .                                     | 45   |
| Inspectoria Sanitaria Escolar — Dr. Severino Patricio                                      | 49   |
| Sugestões de economia — Comunicação da D. G.<br>de I. E. e D. do M. da E. e S. P. .. . . . | 53   |



# EXERCÍCIOS E LIÇÕES

## COMO ENSINO

### L I N G U A G E M

1.º ANNO

1.º passo.

Nos quinze primeiros dias de aula, entretenho a meninada com ligeiras palestras.

O fim dessas palestras é captar a confiança dos meus pequenos alumnos, fazendo com que elles percam o natural temor da escola que pela primeira vez frequentam, e leval-os a formularem phrases, empregando especialmente as palavras que mais frequentemente viciam; como, por exemplo, tá, em vez de está, comeno, bebeno, fazeno, em vez de comendo, bebendo, fazendo, oie, em vez de olhe, etc.

- .....
- Como você se chama, menina?
  - Rosa.
  - E você, meu rapazinho?
  - João.
  - Vamos vêr agora quem me responde isso mais bonito, mesmo como eu pergunto. (Repito a pergunta, frizando a palavra **chama** para que a creança responda, empregando o verbo.
  - Chamo-me Jorge.
  - Muito bem. E' assim que devem responder. (Repito diversas vezes a pergunta, exigindo igual resposta de cada alumno).
  - Quantos annos tem você, Joãozinho?
  - Sete.
  - Sete o que?
  - Sete annos.
  - Quem é que tem sete annos?
  - Eu.
  - Bem; vamos dizer agora isso mais direitinho.
  - Eu tenho sete annos.
  - Sim; gostei da sua resposta.
  - Maria, você gosta de vêr figuras?
  - Gosto.
  - Gosta de que?
  - De vêr figuras.

— Diga isso direitinho, Jorge: — Quem gosta de vêr figuras?

— Maria gosta de vêr figuras.

— Todos vocês gostam de vêr figuras?

— Eu gosto... Eu gosto...

— Vamos dizer assim: — Nós gostamos de vêr figuras. Nós quer dizer eu, você, Maria, você, Joãozinho, você, Jorge e todos vocês. Portanto, como se responde?

— Nós gostamos de vêr figuras.

— Olhem, que bonita figura! (mostrando uma estampa).

— Manda Elisa, João olhar a figura.

— Olha a figura, João.

— Que você acha da figura, bonita ou feia?

— Que bonita figura!

— Everaldo, que é que você vê nesta figura?

— Vejo um menino.

— Todos vocês têm nome, vamos também dar um nome ao menino da figura.

— Quem quer dar o nome do menino?

— Eu quero dar o nome do menino.

— Diga, então, como se chama o menino.

— O menino chama-se Luis.

— Pergunta, Adalberto a Lenita o que Luiz está fazendo.

— Que é que Luiz está fazendo?

— Luiz está brincando com a bola.

— Que é que você está vendo ainda nesta estampa.

— Estou vendo um gatinho.

— Que é que o gatinho está fazendo?

— Está bebendo leite.

— Você também gosta de leite, Ignez?

— Eu também gosto de leite.

A correcção deve ser feita de modo a não desanimar a creança, pelo contrario, deve o professor mostrar-se sempre satisfeito com as respostas e, ainda que estejam erradas, não dizer que a creança errou, e sim indagar de outras: — Quem quer dizer isso mais direitinho, mais bonito? (Quem quiser responder deve levantar o dedinho).

E, com geito auxiliando um pouco, até conseguir de um dos alumnos a resposta mais correcta, que será repetida pela classe, para que não seja empregada mais a phrase errada.

Pelas estampas levo as palestras a assumptos que se pareçam com as primeiras lições do "Meu livro", actualmente adoptado.

Por ser esse livro muito volumoso e serem as suas lições muito curtinhas e repetidas, acho que não se deve demorar a entregarlo aos alumnos, como se costumava fazer.

Por conseguinte, logo após uns quinze dias de palestra faço a entrega dos livros.

## 2º passo

Lições no quadro negro e pelo livro.

(Mostrando a estampa da 1.ª lição)

— Que é que a menina faz?

— A menina olha o livro.

— Muito bem. Você disse:

“A menina olha o livro” porque você sabe fallar

Mas eu vou lhe dizer uma cousa: — O giz tambem sabe dizer tudo quanto vocês dizem.

— Querem vêr?

— Queremos — Queremos

Escrevo no quadro negro com letras de imprensa, lendo ao mesmo tempo que vou escrevendo cada palavra.

Deve-se fazer a lição na pedra, porque as palavras vão apparecendo uma a uma e por isso mas facilmente ficarão gravadas na memoria da creança.

Lidas as phrases (de cima para baixo e de baixo para cima) até ficar a liçãozinha bem decorada, mando ler bem devagar, com o fim de serem destacadas as palavras.

Uso mesmo um grande ponteiro, e, muito de proposito, leio e mando lêr pelos alumnos, na pedra e depois no livro, depressa, (sem ponteiro) para que dêem a entonação natural da phrase e devagar (com o ponteiro), para que destaquem as palavras.

— A — menina — olha — o — livro.

Assim, no fim de cada aula, as creanças têm aprendido quasi todas as palavras da lição.

Depois de três lições constituidas cada uma de três phrases, vem no “Meu livro” uma Recordação.

São optimas essas recordações, que podem ser feitas no ultimo dia da semana.

O autor repete, de proposito, as palavras olhe, olha, menino, menina, livro, chama-se, etc., para que sejam bem gravadas no espirito infantil, todas as palavras das lições dadas.

Para chamar ainda mais a attenção dos alumnos trato de rabiscar alguns desenhos, como arvores, que em vez de dar fructos dão palavras, e nos galhos escrevo palavras das lições, para que cada menino vá descobri-las.

Desenho outras vezes, escadas, contendo em cada degráu uma palavra, mandando depois a creança subir e descer a escada (lêr de cima para baixo e de baixo para cima), sem cahir, isto é, sem errar os nomes.

O mar também apparece na pedra, com suas barquinhas e suas ondas, onde as creanças nadam para apanhar (lêr) palavras das lições dadas, etc., etc.

Estes exercicios dão sempre optimos resultados.

O methodo analytico não consiste unicamente em se fazer

a creança decorar a historieta, sem conhecer as palavras e muito menos as letras.

Compreendo que elle deve começar pela phrase e terminar pela letra.

De modo que depois de um, dois ou tres mezes de aula, quando a creança já lê diversas phrases e destaca diversas palavras, começo exercicios proprios para o conhecimento das syllabas e pouco a pouco das letras.

Nos proprios livros adoptados vêm exercicios para esse fim, que continuarei a mostrar, como costume fazel-os, obtendo sempre muito bom resultado, desde que os alumnos sejam assiduos e attenciosos.

-----:-----

## A R I T H M E T I C A

### 1.º ANNO

#### 1.º passo

- Mostrem um dêdo, um livro, um menino.
- Quantas carteiras vocês estão vendo?
- Muitas.
- Que quer dizer muitas?
- Uma porção.
- Que quer dizer uma porção?
- Uma carteira, mais uma carteira, mais uma carteira, muitas vezes uma carteira.
- (Traçando um risquinho, uma bolinha, etc., na pedra).
- Que foi que o giz fez?
- Um risquinho, uma bolinha, etc.
- Todos mostrem a mãozinha direita, a mãozinha que escreve: que mais trabalha. (Todos levantam a mão direita).
- Vamos fazer aqui um signalzinho, que quer dizer um menino, um livro, uma laranja, uma carteira, etc. (o professor colloca-se de lado da classe e, no espaço traça o algarismo 1. Toda a classe traça com o professor).

Agora o giz vae fazer na pedra a figurinha que nós fizemos na sala. Traça na pedra e depois manda traçar por todos os alumnos na pedra ou no caderninho de arithmetica o mesmo algarismo (signalzinho que significa uma coisa, uma pessoa, um bichinho, etc.) .

Quasi todas as creancinhas chegam na escola sabendo contar, pelo menos até dez. Si o professor encontrar uma ou outra que não saiba, convém mandar contar no contador, até dez.

- Quantos olhos você tem, Maria?
- Dois.
- Quantas orelhas, quantos pés, quantas mãos, etc.?

(A resposta será sempre: — dois, duas).

Separando-se no contador uma bolinha, e depois outra.

— Uma bolinha, mais uma bolinha, quantas bolinhas formam?

— Formam duas bolinhas.

— Si eu tirar uma bolinha, quantas ficam?

— Fica uma.

— Em uma goiabeira havia 2 goiabas maduras. Carlos comeu uma, quantas ficaram?

— Ficou uma.

— (Mostrando dois lapis). Quantas vezes vocês vêem um lapis?

— Duas vezes.

— E quantas vezes vêem dois lapis?

— Uma vez.

— Duas vezes um lapis, quantos lapis são?

— Dois lapis.

— Uma vez dois lapis, quantos lapis são?

— Dois lapis também. (O professor variará o exercicio com outros objectos).

— Waldette, reparta estes dois lapis por estes dois meninos. (A menina fará a divisão).

— Quantos lapis recebeu cada menino?

— Um lapis.

— Julinho, reparta agora estes dois livros, por estes tres meninos. (O menino tentará fazer a divisão, mas, compreenderá que não póde fazel-a).

— Não posso.

— Porque?

— Porque não chegam. (A creança vae comprehendendo logo que não se póde dividir o numero menor por outro maior, sem partir).

— Separe, Zizi, estes dois lapis em duas partes eguaes.

— Quanto é uma metade de dois lapis?

— Um lapis.

— E duas metades?

— Dois lapis.

— Vamos agora fazer um signalzinho que quer dizer dois lapis, dois meninos, duas laranjas, etc. (E no espaço, e depois na pedra traçarão o professor e depois os alumnos o algarismo 2).

Os algarismos devem ser traçados da maneira mais simples possível. Assim o professor mandará que o alumno trace **uma bengalinha**, assim: e depois um tracinho deitado — que completará o algarismo 2.

Cada vez que o professor ensinar a escrevêr um numero deverá fazer os mesmos exercicios que irão desde logo ensinando á creancinha a sommar, diminuir, multiplicar, dividir e até ter idéas de fracções...

Quando a criança tiver aprendido a escrever até nove, o professor passará a dar idéa de dezenas.

### 2.º passo

(Juntando em um feixe dez lapis, dez palitos, etc., amarrados com um cordãozinho).

- Dez vezes um lapis, quantos lapis são?
- Dez lapis.
- Quantas vezes ha aqui dez lapis?
- Uma vez.
- Uma vez dez lapis, quantas vezes contém um lapis?
- Dez vezes um lapis.
- Todas as vezes que juntamos dez lapis, dez livros, etc., chamaremos também uma dezena de lapis, de livros, etc.
- Até nove coisas, nós representámos com um signalzinho, mas dez coisas só podem se representar com dois signaeszinhos duas figurinhas. Cada signalzinho móra em sua casa. O primeiro signal O está guardando a casa dos uns (unidades) e o segundo 1, representa um dez ou uma dezena. (Juntando ao feixinho de dez lapis mais um separado).

- Quantos dez nós temos ainda?
- Um dez.
- E quantos uns soltos?
- Um um.
- Pois bem, este signalzinho 1, que representa o um solto, está na primeira casa (das unidades) e o outro 1, que representa um dez, está na segunda casinha (das dezenas). Chama-se isto o numero 11.

E assim irá o professor ensinando e contando os numeros até 19. Quando chegar a 20, reúnem-se os outros dez palitos em novo feixinho.

- Quantos dez estão aqui?
- Dois dez.
- Dois dez quantos uns formam?
- Vinte uns.
- (Escreverá o professor o numero 20, chamando a atenção do alumno para que repare que na 2.ª casinha a dos dez, está escripto o signalzinho 2 que quer dizer que ha dois dez no numero de palitos apresentados e o zero que está guardando a casa dos uns que irão aparecendo depois.

Assim, irá o alumno escrevendo e contando até 100.

### 3.º passo

Solução das paginas da carta de Parker, indicadas pelo programma do ensino primario.

Escrever e contar também de três em três, de quatro em quatro, etc., até 100. Retroceder, de 100, diminuindo duas unidades, tres, quatro, etc.

JULITA DE VASCONCELLOS

## CINEMA EDUCATIVO

Antes de tratarmos propriamente do assunto que visamos, isto é, CINEMA EDUCATIVO, convém sejam ditas algumas palavras sobre este maravilhoso invento, graças ao qual podemos hoje transportar para nossos lares as mais belas paizagens, os mais variados aspectos do mundo exterior.

Quem inventou o cinema e de que ano data ele?

Eis uma pergunta como tantas outras que as crianças nos podem fazer e á qual nem todos responderão com facilidade. Cada povo que dá as premissas de um invento ou torna prática uma invenção qualquer reclama as honras para si e, assim, LUMIÈRE, francês, PLATEAU, belga, ou EDISON, americano, póde ser considerado o inventor do cinema... conforme se faça a pergunta a um filho de França, da Belgica ou dos Estados Unidos.

O que é fato, porém, é que o cinema não appareceu de chofre: foi se aperfeicoando aos poucos, até chegar ao que hoje é e que, certamente, não é a ultima palavra. A *lanterna mágica*, invenção de um jesuita alemão do século 17 é com justiça considerada como a sua precursora. Simples, rústica, foi ela evoluindo com os anos, até quase não ser mais reconhecivel nos modernos aparelhos de Leitz, por exemplo, ao mesmo tempo que dava um ramo que se tornou o mais robusto, o mais belo: — o cinematógrafo.

Em 1797, o belga Robertson inventou uma lanterna a que chamou de — *Fantascopio* — e que, graças ao afastamento ou á aproximação das lentes em relação á tela, conseguia dar a ilusão do movimento da imagem projetada. Sêo sucesso mostrou bem que o público não se satisfazia com a *projeção fixa* apenas, qual a fornecida pela primitiva lanterna.

Mas o caminho trilhado entre a velha lanterna e os aparelhos modernos de *projeção animada* não foi curto e no sêo trajeto vamos encontrar varios aparelhos que deram aos precursores do cinema atual os principios físicos em que ele se baseia. Assim o — *Thaumatropio*, — especie de pião que, girando com certa velocidade, conseguia dar á retina dos curiosos a ilusão do vôo ou da marcha (principio da persistencia da imagem retiniana); assim o — *Phenakisticopio* — inventado pelo físico Plateau em 1832.

Modificado por diversos, entre os quais avulta Reynaud que teve a ideia de empregar fitas com desenhos em varias posi-

ções e que se enrolavam ou desenrolavam graças ao uso de orifícios em que engranavam os dentes do aparelho de projeção (mais ou menos como nos projetores modernos mais aperfeiçoados), o invento do físico belga pôde ser considerado como o verdadeiro embrião do cinematógrafo.

O grande Edison, um ano depois de Reynaud, em 1889, tirava patente também de filmes semelhantes.

Mas um dos passos mais importantes dado no mundo da cinematografia foi a introdução da celuloide como suporte da emulsão fotografica sensível. A partir desse momento, pouco se conseguiu aperfeiçoar neste ponto de vista e hoje as fábricas de filme virgem põem em circulação cerca de 300.000 metros por dia, o que não é pouco.

...

Nessa época, as máquinas fotográficas não eram aparelhos aperfeiçoados e não se prestavam a fotografar objetos em movimento. Os filmes eram feitos com desenhos, mais ou menos como nas *Historias do Gato Felix*. Milhares de posições deviam ser gravadas nas fitas, o que lhes tornava a confecção onerosa e, em certos casos, impossível. Imagine-se um dos grandes filmes modernos feito por este sistema...

Só a fotografia poderia concorrer para o progresso que o cinema fez nestes ultimos anos. O problema, porém, não foi de fácil solução, como se poderia supôr, porque tirar fotografias não bastava: era preciso inventar um aparelho que conseguisse bater um grande número de chapas dentro de curto espaço de tempo, pois que só assim se poderia obter a ilusão de continuidade do movimento.

Um americano por nome Muybridge conseguira fotografar, tempos antes, animais em movimento, usando baterias de 30, 40 aparelhos fotograficos dispostos em série. Como se pôde imaginar, o processo era complicado e dispendioso.

Como muitas vezes acontece, foi uma invenção feita em meio completamente estranho ao cinema que constituiu verdadeiramente o primeiro passo no bom caminho. Referimo-nos ao *fusil fotográfico* do grande fisiologista MAREY e com o qual se obtinham chapas no curto espaço de  $1/12$  do segundo. Na verdade, não era tudo mas já constituia um grande progresso, pois que com êle já se conseguia a reprodução do movimento com uma certa perfeição.

Que diferença, porém, das máquinas modernas, que nos dão até 20.000 fotografias por segundo!

Com todas estas dificuldades a vencer, foi preciso chegarmos ao ano de 1895 para podermos dizer que o cinematógrafo era um fato, pelo menos em relação ao que hoje é. Diversas etapas haviam sido marcadas por multiplos pesquisadores, uns resolvendo o modo de projetar as imagens, outros a maneira de obter imagens em condições de dar, quando projetadas na tela, a ilusão da vida. Foram os irmãos LUMIÈRE, porém, os primeiros

que conseguiram uma projecção nitida em 22 de março de 1895 e o sucesso que fizeram foi colossal.

Que nos diriam, porém, diante do cinema moderno, aqueles que então assistiram ás projecções desse primeiro filme, si por acaso houvessem ficado em uma terra em que não fôsse possível acompanhar os progressos da cena muda?

Imaginariam esses primeiros espétadores do cinema que, 30 anos após haveria mais de 130.000 salas de projecção espalhadas pelo mundo inteiro?

Quem pensaria no papel educativo do filme e também no seu papel de dissolução?

De simples divertimento a principio passou o cinema a constituir, ao lado do radio um elemento extraordinario de difusão do pensamento humano e é sob este aspéto que ele deve merecer as nossas simpatias.

\* \* \*

Dadas estas ligeiras notas sobre a historia do cinema, vejamos agora como e onde nascêo a ideia de se aproveitar este maravilhoso invento no ensino.

Apezar dos progressos feitos na técnica, só ha pouco, relativamente, se pensou no valor do filme na educação dos escolares. Era tão evidente o papel de dissolução já representado por ele que os pedagogos se lembraram do reverso da medalha.

A primeira ideia de empregar-se o cinema como meio de instrução parece ter partido do grande cirurgião francês DOYEN. Quando em 1898 fez ele fotografar algumas intervenções cirurgicas, o escandalo produzido na classe médica francesa foi indisciplinavel e não faltou quem o apodasse de *charlatão*. No entanto, a *charlatanice* agradou e hoje a casa PATHÉ, por exemplo, possui coleções completas de filmes posados pelos mais celebres nomes da cirurgia francesa.

Mas não pensemos que a novidade do dr. Doyen pegou logo. Alguns anos se passaram em silencio e os primeiros apologistas do cinema educativo na França datam de 1906 apenas.

No entanto, fôrça é confessar que desta data em diante o entusiasmo foi sempre em crescendo e em 1910 o cinema didatico já merecia a atenção de grandes vultos reunidos num congresso em Bruxellas.

Nos Estados Unidos, o grande Edison mandou fazer filmes de Física, Química e História Natural para um seu netinho, pois verificara que o cinema era um meio admiravel de tornar o estudo das ciencias agradável e proveitoso.

Passado esse primeiro periodo de desconfiança, a ideia foi vencedora por toda parte e não ha paiz no mundo hoje em dia que não cuide da criação de filmotecas para uso de todas as escolas.

Nós, como sempre, andamos um pouco atrasados mas chegou também a nossa vez e não tardará o dia em que tenhamos um cinema em cada escola, pois que diante da evidencia do va-

lor do filme como meio educativo todos se renderão, mesmo os mais ferrenhos inimigos de *novidades*.

Para darmos ao leitor um exemplo ilustrativo do valor do cinema basta este fato: em 1927, Finegan, presidente da EASTMAN TEACHING FILMS, em colaboração com a NATIONAL EDUCATION ASSOCIATION levou á pratica um inquerito em 12 cidades americanas, no qual 11.000 crianças foram divididas em 2 grupos: um que foi instruído com o auxilio do cinema e outro sem ele.

Feitos os *tests* depois de um certo tempo por professores competentes, verificou-se um aproveitamento de 100 % para os meninos que haviam recebido as lições com a ajuda do cinema!

Outra prova de que o cinema na escola é assunto de grande monta está na iniciativa do Governo Italiano, que poz a *vila Falconieri* á disposição da SOCIEDADE DAS NAÇÕES, para nela funcionar o INSTITUTO INTERNACIONAL DO CINEMA EDUCATIVO.

Em 1921 o *Museo Pedagogico* de França dispunha de 54 filmes apenas; em 1929, de 50.000.

Nos Estados Unidos fundam-se companhias, como a DE VRY SCHOOL FILMS, com o fim exclusivo de fabricar fitas didaticas.

\* \* \*

Poderemos ter tambem o nosso CINEMA ESCOLAR?

Com toda certeza. E fazendo-lhe companhia um *muséo* e *rádío*, que são sêos complementares. Basta que nossos homens publicos cheguem á compreensão da necessidade de mudarmos um pouco em materia de instrução.

Recursos temos e que só precisam é de serem bem encaminhados. Haja á vista o Estado do Pará que, com população e rendas semelhantes ás nossas pode dispender em 2 anos mais de 200 contos com a reorganização do MUSÉO GOELDI.

Comecemos a organização de uma filmoteca e, dentro de um ano, não haverá quem não estime o cinema como auxiliar do ensino.

Como arranjar, porém, os meios necessarios á aquisição do material e como conseguir filmes em número suficiente, quando sabemos do elevado custo deles nesses maus tempos de cambio miseravel?

O problema é um pouco sério, sobretudo num Estado de poucos recursos como o nosso. As hipóteses formuladas pelo governo mineiro, por exemplo, não podem ser admitidas e devemos dizer logo que toda e qualquer taxa cobrada aos alunos é de efeito máu. Só uma senda temos a trilhar, isto é, estabelecer, criar o cinema escolar gratuito, como instituição puramente oficial.

Na organização desse departamento didatico devemos estabelecer, porém, degraus, categorias de escolas que irão pouco a pouco melhorando sêo material didatico, até um completo apa-

relhecimento. Ha escolas, como as *rurais*, que não podem possuir cinema proprio, dadas as suas condições de isolamento, de falta de energia elétrica. Só os *grupos escolares* serão providos de projetores; aquelas terão apenas *lanternas mágicas* confeccionadas pelas proprias professoras e alunos.

Será criado o DEPARTAMENTO DO CINEMA DIDÁTICO que irá removendo aos poucos as dificuldades e estabelecendo com a experiencia adquirida o melhor caminho a seguir-se. A grande vantagem desse órgão do ensino será o contróle de tudo que se refira ao assunto e sobretudo á economia de dinheiro resultante da criação duma *filmoteca central*, que distribuiria os filmes á medida das necessidades escolares.

Dito departamento será orientado por uma comissão formada pelos diretores do LICÊO, ESCOLA NORMAL e ENSINO PRIMARIO, os quais por suas funções não perceberão dinheiro algum.

Os filmes a serem adquiridos este ano para o LICÊO podem formar o núcleo em torno do qual ajuntar-se-ão outros com o decorrer dos anos. Mais 2 projetores comprados este ano e eis tudo de que precisamos para começar, isto é, menos de 20 contos.

Devemos dar preferencia aos projetores PATHE' porque preenchem a todos os *desiderata* e são os mais baratos.

Terminando, formulamos votos porque todo o professorado do Estado se interesse por tão palpitante assunto, pois que só assim o ensino entre nós terá rapido progresso e tornar-se-á ameno e interessante a professores e alunos. Como mestre, tenho observado que os maiores inimigos dos discentes são: pouca curiosidade e falta de atenção.

2 — 1933.

DR. M. FLORENTINO



## PESTALOZZI

Conta-se que Pestalozzi desejava reunir o maior numero possível de creanças retardadas de espirito e de corpo, para mostrar a excelencia do seu metodo. E' verdade que as creanças retardadas lhe retribuem esta simpatia: sua vida figurou entre as historias mais apreciadas. Por ocasião do centenario, em 1927, depois, mais recentemente, eu a contei a algumas creanças, e foi com as suas narrativas livres, apenas corrigido quanto á ortografia, que compus a biografia que se segue. Não julgais vêr o bom Pestalozzi sorrir durante essa narrativa ingenua, tão viva, tão colorida algumas vezes? Admira que creanças retardadas possam achar, para exprimirem o que ouviram, formulas tão lapidares, tão originaes, guardandô ao mesmo tempo o sentido e a impressão da narrativa!

### A VIDA DE PESTALLOZI CONTADA POR MENINOS RETARDADOS DE 9 A 13 ANNOS

Ontem a professora nos contou a historia de Pestalozzi: a historia vai começar:

**INFANCIA:** — Uma familia de oculista habitava o Tessin, e partiram para residir em Zurich, onde nasceu o pequeno Henrique Pestalozzi. O pai não gostava de sua profissão; ia pescar, mas não cuidava de pôr os seus soldos a bom recato. Um belo dia êle caiu doente. Pestalozzi tinha seis annos; seu papai sentiu vir a morte: então mandou vir a bôa Babeli e lhe disse: "Você promete ficar sempre com minha mulher e meus filhos até que êles fiquem grandes? Sim, eu vo-lo juro". E mais tarde, pediram-na em casamento, e ela disse: "Não, prometi ficar, eu fico". E ficou até a idade de 70 annos, com a sua mulher e seus filhos. Ela proibia ás crianças brigarem e puxarem-se pela roupa, porque isto a rasgava; quando Pestalozzi voltava da escola, ela o fazia trocar a roupa nova pela velha; e, quando ela ia ao mercado, dizia: "Irei mais tarde para comprar mais barato".

Aos 5 annos, Henrique começou a ir á escola. Ele era tímido; não aprendia muito; quando o trabalho lhe agradava êle trabalhava e quando o trabalho não lhe agradava, êle não trabalhava. Acreditava em tudo o que lhe diziam; quando lhe diziam: "Vá buscar os tinteiros, êle ia, e, *mesmo que fosse mentira*, acreditava em tudo. Por isso caçoavam dêle.

Mas, um dia, estavam êles todos prontos para escrever; de repente houve um tremor de terra: correm todos para longe com o professor. Logo depois cada um dêles queria ter as suas coisas: um menino tinha frio. O professor perguntou: "Quem quer ir buscar a roupa?" As crianças todas disseram: "Eu, não! eu, não"! E Pestalozzi disse: "Eu cá quero ir!" Então as crianças disseram: "Como êle é corajoso! Não devemos caçoar mais dêle!" Outra vez foi muito peor: Havia um cavalo furioso que dava coices: Henrique Pestalozzi montou nele e chegou a uma ponte sem tranqueira. O guarda perguntou-lhe: "Você se atreve a vir a esta ponte num cavalo fogoso?" E êle a atravessou. De novo disseram as crianças: "Não devemos mais caçoar dêle; êle é muito corajoso!" O Henriquinho gostava do campo e bem quizera ir lá, mas sua mãe era muito pobre. Felizmente êle podia ir passar as suas ferias em casa de seu avô que era pastor de almas, nos arredores de Zurich. Ele brincava com as crianças da aldeia e gostava muito dos seus camaradas, porque estes sabiam dar assovios e fazer uma porção de brinquedos de páu que êle mesmo não sabia fazer. Quando chegou aos 12 anos, perguntou onde estavam os seus amigos: "Onde está o Julio? Onde está o Alfredo? Respondiam-lhe que eles estavam na fabrica.

A' hora da saida (6 horas) êle tornava a encontra-los, muito palidos, muito tristes, muito magros; algumas vezes diziam: "Tenho dôr nas costas". E Enrique lhe dizia: Eu defenderei vocês, quando fôr grande. Quero tentar fazer leis para os proteger". E cumpriu a sua promessa.

Era uma vez um menino que bateu num gurizinho, e Pestalozzi saltou pela janela e mandou-lhe que se retirasse e deixasse o pequerrucho brincar tranquilamente.

**QUE PROFISSÃO ESCOLHER?** — Pestalozzi gostava de ler os livros de Jean Jacques Rousseau e dizia que é preciso viver no campo e resolver adotar a vida de camponês. Viu que seu avô tinha muito feno para ceifar; tomou a segadeira e pôs-se a trabalhar; mas não sabia ceifar e cortou-se todo nos dedos. Havia em Argovia um senhor que tinha uma grande fazenda com um grande campo. E o avô de Pestalozzi escreveu a esse senhor: "Dar-se-á que meu neto possa ir trabalhar para o sr.?"

O senhor lhe respondeu: "Sim, póde." E êle o levou para que êle aprenda a trabalhar melhor. Depois, lá na fazenda êle se fazia estimado.

**NOIVADO E CASAMENTO** — Pestalozzi tinha um amigo: Bluntschi; Bluntschi estava muito doente e era muito querido de todos. E Pestalozzi ia muitas vezes vêr o doente, e tambem Ana. Ana e Pestalozzi assim se fizeram conhecidos um do outro. Um dia em que eles dois estavam perto de Bluntschi, este não podia respirar e abriu-se a janela, e êle pode respirar melhor; mas, de repente, êle morreu, e Ana chorou e Pestalozzi, tambem; estavam muito tristes por verem o seu amigo morto. Pestalozzi disse: "eu gostaria muito de casar-me com a Ana";

mas Ana não pensava em casar-se. Depois êles escreviam cartas um para o outro. Pestalozzi lhe escrevia que êle não tinha muito capricho e que estava mal trajado. E Ana gostava de que o moço dissesse a verdade tal qual era. Mas os pais de Ana eram muito ricos, e, quando souberam que Ana queria casar-se com Pestalozzi, não quizeram deixar, porque este estava muito sujo, mal trajado e sem emprego. Mas, ela disse: "Sim, sim, eu quero casar com êle". Os pais, por fim lhe disseram: "Pois bem, se queres casar-te, toma o teu piano, tua roupa branca e comerás pão e agua!" E êles se casaram e foram morar no cantão de Argovia, numa casinha onde o sol entrava por todos os lados.

E a velha mamãe de Pestalozzi foi morar com êles.

EM NEUHOF — Mais tarde êles construíram uma casa em NeuhoF; havia grandes campos, e êles tratavam de ganhar a sua vida. Tiveram um filhinho, que se chamava Jaqueli; e pediam a Deus que os ajudasse a educar o filho. Pestalozzi tinha receio de que seu filho não fosse um homem gentil e disse consigo: "Babeli o ajudará bem!" Ele não sabia o que fazer, pois tinha muitas dividas e pensava muito em todas essas crianças que vagavam pelas ruas, há algumas que perderam os seus pais; não sabiam o que comer; então deviam roubar para poder comer". Uma vez êle viu uma menininha e disse-lhe: "Você quer vir comigo?" Um, dois, três, depois havia cincoenta na sua casa. As meninas trabalhavam na cosinha; os meninos no campo, e, no inverno, os meninos teciam. Mas isto custava muito caro. Ele foi indagar se lhe queriam enviar dinheiro todos os mezes; durante algum tempo, aquilo marchou inteiramente só. Mas uma vez choveu pedra e houve más colheitas. Mas o dinheiro faltava sempre e tomavam-lhe pedaços de terra, e depois de lhe haverem tomado tudo, êle teve que despedir as crianças e ficou muito triste.

PESTALOZZI ESCRITOR — Ana ficára doente, e foi para a casa de uma amiga, com Jaqueli, para se restabelecer.

Pestalozzi estava sempre triste; comia uma codea de pão que havia achado num campo e olhava muito as flôres.

Uma vez que êle voltava de Basiléa, encontra atrás de sua porta uma senhorita, Isabel Naef, que ouvira dizer que êle estava muito triste e vinha vêr se podia ajudal-o em alguma coisa: "Bom dia, senhorinha!" Bom dia, meu senhor! venho tratar do seu jardim. Sim, senhorinha, obrigado! E eis Isabel Naef que toma uma cavadeira e vai ao jardim; ela revolve a terra e planta batatas, alhos, etc. E Pestalozzi se sente feliz; e ela arrumava a casa de Pestalozzi, e êle estava todo contente! Ela ficou trinta anos: ela era gentil.

Pestalozzi tinha um amigo em Basiléa, Iselin; era um sábio. Este lhe deu uma hôa idéa, disse-lhe: "Já que você não pode mais adotar crianças, ora bem! escreverá um livro para que se cuide melhor das criancinhas!" Pestalozzi disse: "Bravos, é uma idéa!" Ele ia aos cafés mas não para beber alcool, escondia-se

atrás do fogão e escutava tranquilamente tudo o que julgava interessante. Tomava nota na margem de jornaes velhos ou de velhas faturas. Cometia erros; mas seu amigo de Basiléa os corrigia e mandava imprimi-las. Foi assim que êle escreveu seu livro *Leonard et Gertrude*. Pestalozzi enviou esse livro para todos os paizes; e todos os estrangeiros compraram os livros e os leram; eles disseram que ele era sabio. Vieram á casa de Pestalozzi com cavalos e carruagens; e cada vez que o viam, ele mascava sua gravata e ele estava todo sujo! E quando as pessôas da cidade vinham vê-lo, caçoava-se delas: "Oh! os senhores se abalam para ver um homem tão sujo e tão mal vestido e tão pobre!" E as pessôas respondiam: "êle escreveu um livro chamado *Leonard et Gertrude*". E outros que vinham da França, da Alemanha, da Austria, etc., diziam: "E' este velho Pestalozzi que fez aquele livro tão bonito?"

EM STAUZ — Era uma vez os francezes que queriam tomar a Suissa e eles vieram por Genebra pelo Jura Bernês; e estiveram em Stauz para tomar um territorio, e incendiaram muitas casas. Tendo visto, de Neuhof, o clarão vermelho dos incendios, Pestalozzi dirige-se a Stauz, a cavallo, e vê desfilar as carruagens; era o dia em que se enterravam os pais; os filhos estavam a beira da sepultura e choravam. Pestalozzi pede ao govêrno francês que lhe dê uma casa para acomodar todas essas criancinhas que vagavam pelas ruas, o govêrno lhe deu um convento; ele tinha dinheiro para comprar a roupa e a comida. Sua mulher escreveu-lhe uma carta: "Porque você conserva essas crianças você que é pobre?" Então Pestalozzi lhe disse: "Porque você me escreve cartas tão horriveis?"

Era necessario mandar reparar o convento, que estava um pouco demolido. Depois, á medida que um quarto ficava pronto, êle tomava a sua cama e a carregava para o quarto, e assim por diante até que os quartos estivessem todos prontos. Havia alguns que estavam doentes; outros tinham sarna; havia mendigos, mentirosos, ladrões, etc. Pestalozzi os amava muito. Quando eles estavam doentes, ele ia deitar-se com eles, á noite, eles pediam calculo; ele lavava os menores, e os maiores se lavavam, êles proprios; depois êle instava muito para que as suas crianças fossem bem tratadas. Em vez de falar sobre a primavera dentro de casa, ele as levava para o campo. Elas estiveram em Lucarno, e deu-se a cada orfão um batz inteiramente novo. Uma vez o director foi ver a escola e disse: "Oh! como eles sabem ler e escrever bem!"

E depois eis que vêm anunciar que êle deve partir: queriam acomodar os feridos. Ele era tão infeliz que pensava ficar iouco. Mas estava doente; êle se tinha fatigado muito; escarrava sangue. Tinha sido convidado por um seu amigo a repousar no cantão de Berna; quando seu amigo lhe dizia: "Repare como se vêm bem as montanhas", êle respondia: "Eu quando vejo as montanhas, vejo todas as criancinhas que eu tinha comigo". E

êle dizia frequentemente consigo mesmo: "Ah! se eu pudesse rehavê-las!"

**EM BERTHOUD** — Depois Pestalozzi esteve em Berthoud para reassumir uma escola. Naquele tempo, quem quisesse podia ser mestre-escola; até um operario que quisesse dirigir uma escola deixava a sua occupação e ia servir de mestre-escola para ensinar as crianças; cada uma trazia um livro qualquer e lia no seu livro; e quando elas gritavam todas juntas, o mestre ficava contente; e se havia algumas que olhavam pela janela, o mestre batia na mesa com uma varinha, e elas recommençavam a gritar, e o mestre ficava contente. Quando o mestre queria escrever uma carta, ia á casa de um pastor ou de um cura pra fazer corrigir os seus erros. Naquele tempo a escola funcionava em casa do mestre, algumas vezes era numa granja ou numa grande cosinha. Uma vez o govêrno francês veio, e disse: "Não, isso não pôde continuar!" Mandam chamar Pestalozzi, e será o diretor da escola, tambem de uma escola para os mestres, para que êles possam instruir melhor as crianças. Mas Pestalozzi recusou ser o diretor: pediu para ser o professor suplente numa classe regida por um sapateiro! E êle foi duas vezes mais sabio que o professor! Elle inventava jogos de calculo para ensinar a contar, jogos de leitura, etc., e quando o inspetor voltou, achou que aquella era uma verdadeira escola! Ele achava que as crianças tinham aprendido bem e dizia: "Esse Pestalozzi é bom, mas não é bonito!" Depois os francezes partiram e êle teve de partir tambem!

**O INCIDENTE DE COSSONAY** — Pestalozzi estava perto de Cossonay, pensava no que devia fazer. De repente, numa curva de estrada êle não tinha podido ver os vindimadores: foi apanhado pelo peitoral dos cavalos, e, saltando de lado, por um triz não foi esmagado pelo carro; então êle pulou no valo como se tivesse 16 anos; e não se machucou. E disse "Foi Deus que me salvou para que eu volte a fazer o bem!" Então, inteiramente cheio de confiança, êle voltou para Yverdon. E disse, todo contente, consigo mesmo: "Quero ainda ir buscar criancinhas para socorrer"

**EM YVERDON** — Ofereceram-lhe três castelos no cantão de Vand: êle escolheu o de Yverdon. Os alunos tinham sorte: trabalhavam fóra. Havia 150 crianças. De manhã, elas despertavam cedo, e faziam uma lição; depois, havia um grosso tubo crivado de buracos, e as crianças iam cada uma para debaixo de um buraco, e isso serviu de ducha, e elas se esfregavam; depois iam almoçar; e havia ainda duas lições, separadas por uma distribuição de pêras sêcas e de pão. Em seguida elas podiam recrear até ao jantar; havia algumas que se banhavam; outras brincavam de bola, etc. Depois havia ainda uma lição e, de 4 ás 6 horas, havia um grande recreio. Elas iam passear para aprender geographia, andavam á roda da casa para vêr como as flôres florescia, e á tarde, quando havia muitas estrelas, Pes-

talozzi mandava olhar para elas. Vinha gente de todos os paizes, e dizia: "Mande-nos professores!" um dia, um senhor que tinha visitado o Monte Branco, disse: No Monte Branco, a gente está perto do céu; mas aqui se está ainda mais perto: Pestalozzi é como um santo!" Era uma escola paga. Todo dinheiro ia para uma grande caixa a fim de pagar as despesas da escola; quando os professores queriam pagar um terno de roupa, tiravam do cofre.

Ora, eis que a senhora Pestalozzi disse: "Que maneiras são essas!" A senhora Pestalozzi morava na parte mais alta do castelo, e convidava Pestalozzi e as crianças, e Isabel arrumava a casa. Uma vez que Pestalozzi estava em Lausanne, de repente sua mulher teve uma indisposição: ela morreu. Quando Pestalozzi chegou a encontrou morta; êle chorou muito, e enterraram-na entre dois castanheiros. Uma vez que Pestalozzi viu que se punha muita terra em cima, chorou muito...

Depois houve uma grande disputa entre os professores; eles escreviam coisas ruins a respeito da escola de Pestalozzi, e êle estava muito triste. Os professores e os alunos se retiravam; cada vez havia menos. Por fim Pestalozzi pergunta quem queria partir com êle: houve um hespanhol e três outras crianças, e êles partiram para Neuhof.

FIM DE SUA VIDA — Ha pintores que quizeram desenhar Pestalozzi, mas era difficil, porque êle era feio, todo enrugado e tambem porque tinha olhos tão bons que ninguem teria podido fazê-los com pinceis.

Chegado a Neuhof, êle se sentia muito feliz por vêr seu bisnetinho Gottlieb; êle esquecia todas as suas miserias. Ele ia passear e tinha "sctuetz" (schuet são frutos secos) na sua algibeira e os distribuia ás crianças que encontrava. Depois êle foi a Birr para visitar a escola, e achou-a bonita. Uma vez, êle escreveu para um orfanato e disseram: "Sim, sim, nós queremos que o senhor venha ver-nos!" Então, prepararam uma grande festa. O professor contou historias: toda a aula estava enfeitada. Eles cantaram: "Paz, ó dôce paz, vem ao meu coração!" (E Gisela — uma aluna da nossa classe achou uma bonita canção para estas palavras). Eles tinham preparado uma corôa de folhas de louro e uma menininha quis pô-la na cabeça de Pestalozzi; mas êle disse: "Não vale a pena, estou muito velho", e êle a pôs na cabeça da menina. Ele queria dizer alguma cousa, mas, ouvindo cantar tinha vontade de chorar.

Em Neuhof Pestalozzi escreveu ainda um livro: "O canto do Cisne", (isto quer dizer quando um cisne morre, diz-se que êle canta), mas é ditado, e nesse livro êle pôs cousas modestas: quando a escola ia bem, Pestalozzi dizia que era culpa dos mestres e quando ela não ia bem, êle dizia que era por culpa sua.

Mais tarde um professor indigno escreveu artigos contra Pestalozzi: eram mentiras a respeito da sua escola. A principio êle disse: "O que escreveu isto, cumpre deixá-lo falar". Depois

êle quis responder: êle estava muito velho e doente; levantava-se de noite e, quando escrevia, não via mais claro e nem sabia se havia tinta ou não...

Ele estava tão doente que tiveram de transportá-lo para Brugg num trenó. A 26 êle estava quasi morto. Ele chamou seus amigos e disse: "Quem é que quer substituir-me e cuidar dos meus orfãosinhos?" Disse ainda: "Perdôo a todos os que me fizeram mal", e pediu para ser enterrado ao lado da escola e que se plante uma roseira no seu tumulo.

Na manhã seguinte estava morto. Tiveram que fazer córtes na neve para ir enterrá-lo. Quatro professores carregavam o seu caixão: entoaram ainda um belo cantico. Era em 1827. Mais tarde plantaram uma roseira no seu tumulo.

Depois todas as pessoas de todos os paizes deram dinheiro para lhe fazerem um monumento em Yverdon: vê-se Pestalozzi com duas criancinhas ao seu lado.

Festejamos o centenario de Pestalozzi: em Genebra fizeram bonita propaganda.

Ext.





# PELA INSTRUÇÃO POPULAR

(Do rotariano Matheus de Oliveira, na 2.<sup>a</sup> reunião do Rotary Club)

Meus companheiros.

Reabriram-se hontem as aulas publicas primarias desta cidade. Noticiaram, porém, as nossas gazetas, que mal se iniciavam as matriculas nos grupos escolares e logo estavam preenchidos os quatrocentos e tantos logares existentes em cada um delles, não sendo possivel attender ao numero avultado de candidatos que buscavam ingressar nesses estabelecimentos de ensino publico, na procura ansiosa do almejado pabulo espirital. O facto é natural que abale e mova sentimentos de um rotariano que se orgulha de proclamar que ha cerca de trinta annos se dedica á missão de ministrar conhecimentos. Estamos, pois, em face da necessidade de educação do povo, em favor da qual nem uma autoridade do ensino, com o seu prestigio de director technico, pedia um movimento irresistivel de todas as forças vivas do pais, "num clamor unissono", pela obra maxima do Brasil, que é a base de todos os outros problemas nacionaes. Nos limites estreitos desta simples e desprétenciosa palestra, quero fazer algumas considerações sobre o que me parece necessidade urgente e inadiavel, ante a falta que se observa ainda no nosso apparelho educativo; quero incentivar a propagação intensa, a mais ampla diffusão desse meio de regenerar physicamente a raça e formar o caracter brasileiro, para a grandeza da nossa patria; quero solicitar como Annibal Bruno, "os suffragios de todas as vozes sadias", para que se dê com largueza e abundancia ao nosso povo aquillo de que elle anda tão carecido para se tornar um grande povo, porque, no elevado e bello expressar do professor Miguel Couto, "não ha grande nação sem grande saber; não se conhece nenhum grande povo ignorante". E neste país a que queremos e estimamos, infelizmente, temos visto entravado o seu progresso pelo numero quasi astronomico de analphabetos que povoam o nosso sólo, por essa avalanche de "espiritos que não se adaptaram á faculdade de assimilar o saber para engrandecer e ser util á sua patria". E a proposito convém dizer que, ao progredir ou desaparecer de Euclides da Cunha,

certamente, se deve oppôr esta formula proposta — educamo-nos ou desapparecemos.

Cada vez que contemplamos entristecidos o panorama do nosso atrazo no problema educativo recordamos as palavras de James Bryce: "em um pais onde a população é de sete oitavos de analphabetos, não ha govêrno, por melhores que sejam as intenções, capaz de applicar os principios democraticos, ainda mesmo que elles se conttenham nas mais largas affirmações constitucionaes". E o aspecto se torna mais impressionante se acaso volve-mos as nossas vistas para o scenario de outros povos. Para que baste mesmo ás nossas impressões neste momento, ouçamos o que refere um escriptor, tratando da Republica Norte Americana: "Em primeiro logar, nota-se nos Estados Unidos a firme convicção de que todo menor deve ter a possibilidade de ir á escola, de apprender a lêr, a escrever, a pensar; em segundo logar, ha a noção communmente admittida de que é ao mesmo tempo generoso e sabio deixar a porta aberta a quem quer que seja, dotado e ambicioso, a fim de que possa alcançar na cultura superior até onde tenha capacidade, até onde queira; emfim, ha também o vago sentimento de que será um proveito para a democracia, não sómente que o nivel médio da intelligencia se eleve, mas também que o pais produza homens e instituições de um gráo superior de instrução". Eis, meus companheiros, o ponto de vista norte-americano, com relação á educação. Num confronto, mesmo com os menores países, o Brasil sente-se amesquinhado. Vejamos, por exemplo, as Philippinas, ha pouco independentes dos Estados Unidos, que já em 1923, matriculava nas suas 7.948 escolas publicas, 1.111.500 alumnos, seja 9 a 10 % de alumnos matriculados para a população total, emquanto que no Brasil estamos ainda pela metade, em vista de termos dois milhões de alumnos matriculados para 42 milhões de habitantes.

Ha dez annos passados, um dos nossos publicistas chamava a attenção para o tão gabado progresso de São Paulo em materia de ensino e fazia notar que o Estado do Texas, na America do Norte, com uma população igual á do Estado de São Paulo, tinha a mais 800.000 alumnos nas suas escolas. E explicava que a differença provinha tanto do maior tirocinio obrigatorio nas escolas do Estado norte-americano como de que no Estado de São Paulo apenas cerca de vinte por cento das creanças em idade escolar se achavam effectivamente matriculadas nas escolas.

Dest'arte, na hora de renovações que atravessa o nosso caro Brasil, nenhum assumpto póde merecer mais a nossa attenção que o relativo ao ensino popular. A escola "uma instituição social, real e viva", — através dos tempos teve que seguir a trilha das transformações porque passaram todas as instituições sociaes jungidas ao carro da evolução na estupenda e incessante marcha da civilização. Com as outras, transformou-se radicalmente para satisfazer aos anceios da humanidade. E' por isto que a educação do

povo — que é a base dos problemas do Brasil — deve preocupar-nos em primeiro lugar, para conseguirmos o progresso. Carecemos antes de tudo da escola que todos sabem ser hoje o laboratório em “que o alumno apprende trabalhando, no exercicio da actividade propria do educando”, da escola, que não é mais a *Lernschule*, mas é a *Arbeitschule*, como a denominou Kerschenstein. Annotemos que, já foi dito, com muita propriedade, que em nosso país a questão de educação se reveste de extrema complexidade e tem a vencer enormes obstáculos oriundos das características específicas da communhão nacional. Basta fazer um rapido esboço das nossas condições mesologicas, da vida da nossa gente irregularmente distribuida na vastidão do nosso país, “notavelmente diferenciada do littoral para o interior”, com a aggravante da falta de educação, para comprehendermos como se creou e a separação e desagregamento dos elementos constitutivos da sociedade brasileira.

Só com a amplissima educação popular se hade proporcionar uma parada ao desmoronar da nacionalidade, presa desde muito de um pessimismo dissolvente e demolidor.

Poderá a acção rotaria concorrer para solução deste problema com o seu forte interesse pela educação popular? A esta pergunta, poderei responder, confiante e convicto: Sim. Penso que já o ha feito alhures com muita eficiencia, auxiliando uma cruzada em pról da infancia e fará melhor ainda nos dias por vir. A instituição rotaria enquadra-se no conceito actual da educação, affirma um rotariano de escol. “Pelos seus seis objectivos e pela sua organização, o Rotary é uma instituição educativa. Cada rotariano é no club um presumivel expoente das actividades que representa e tudo se deve esperar de sua acção, sempre de accôrdo com o destino commum indicado pelas finalidades rotarias”. O rotariano é uma integrante no bem estar colectivo”, e como tal cooperará para o desenvolvimento e disseminação dos conhecimentos entre as massas populares e reconhecerá sempre o valor e a elevada missão do educador. Assim, dentro do nosso idealismo alimentamos a esperança de conseguir uma admiravel victoria em seria e proficua campanha ao analfabetismo, concorrendo para que se abram novas escolas nesta cidade, de modo que satisfaçam ás necessidades da nossa população infantil, que attinge a idade da frequencia escolar. Trabalhemos com afinco para que possamos vêr realizações de conferencias de educação. Cooperemos para a fundação de muitas escolas, sempre lembrados do que disse Muller: “o fundador de uma escola é maior do que o conquistador de uma provincia”. E estaremos cumprindo um dever de rotarianos, porque na Conferencia Districtal, realizada em abril de 1931, ficou resolvido que aos clubs incumbia trabalhar pela maior diffusão da educação do povo. Egualmente nas resoluções da Conferencia Districtal de 1932, se encontra, referente ao combate ao analfabetismo, a seguinte recommendação: — que os Rotary

Clubs do Districto organizem nas suas cidades associações ou que amparem as organizações já existentes para a manutenção do maior numero de escolas primarias. Esforcemo-nos de nossa parte, rotarianos de João Pessôa, para que no nosso caro Brasil, esteja proximo o dia em que se considere verdadeiro escandalo o apparecimento de um analphabeto, como aconteceu na Dinamarca, segundo nos informa Pinto Serva, no seu livro *Renascença Nacional*". Um camponez robusto e ingenuo fôra a uma repartição da Dinamarca dar a sua assignatura a um documento. A autoridade entregou-lhe a penna para que o homem escrevesse o seu nome. O camponez atrapalhou-se, sorriu e descobriu-se afinal que não sabia ler nem escrever. Foi um escandalo na Dinamarca inteira. Um homem analphabeto!... Falaram os jornaes, discursaram varios oradores no Parlamento, congregaram-se em conferencias professores graduados: o ministerio reuniu-se, resolveu internar o homem numa casa de saúde para ser observado, abrindo-se um inquerito sobre o caso, no qual se apurou, afinal, que o camponez era filho unico de um casal de velhos doentes, que viviam retirados numa casa de campo, e assim, por abandono, tinha o menor sem instrucção alguma. Meus companheiros, cumprindo a nossa missão de rotarianos devemos tudo empenhar em pról de tão patriótica finalidade. Não encerrarei esta ligeira palestra sem fazer um registro de notavel e sympathica demonstração de amôr á profissão. Os professores primarios desta capital, esforçados e intelligentes, "espiritos avisados, engenhosos para applicar aos factos complexos da educação as regras geraes fornecidas pela sciencia dos phenomenos da consciencia", mais uma vez e melhor revelam possuir aquelles dons excepcionaes que se exigem dos que com altas renunciias e soberbos sacrificios, se dedicam á mais nobre profissão, áquella que tão dignamente concorre para o bem da humanidade. Elles são os amantes do ensino, de que nos fala carinhosamente Marguerin: "fóco de dedicação pela infancia e pela mocidade e quem quer que delles se aproxima não deixa de carregar algumas parcellas do seu fogo sagrado". Meus companheiros, é realmente louvavel a *obrigação* desses que têm a ingrata e penosa missão de aparelhar os futuros servidores da Patria e o fazem sentindo alegrias desde o inicio ao termino da sublime tarefa! Os professores primarios de João Pessôa, estarão amanhã congraçados no magnifico e fraternal convivio de um *five ó clock téa*, commemorativo do inicio dos seus trabalhos escolares. Exaltemos o admiravel exemplo!...

# CUMPRI O DEVER

**Sylvia de Pessôa**

*"O' vós que tendes a missão de dirigir a infancia, sabei bem que tudo se prende na vida, e que o presente contem em embryão as virtudes ou vicios, as vergonhas, ou as glorias do futuro".*

A creança sempre ávida de alegrias e cheia de prazeres, não deixa de na sua inquietude, expargir por toda parte os raios subtis de suas ingenuas tendencias.

A semelhanca da planta que nasce e á medida do seu desenvolvimento, se vae enchendo de rebentos superfluos e prejudiciaes a sua utilidade e por isso mesmo merecedores de decotação afim de que sejam dados vigorosos e bons fructos, ella, flôr adorada do jardim da familia, ora entregue aos vossos cuidados, reclama especial sollicitude, para que instruida por uma lição consoladora e elcquente e em ondas de suavissimo perfume saiba qual a alegria e felicidade possiveis no lar e no seculo.

Egixe mais, pede-vos traços lumnosos que prevaleçam na formação do character.

Deveis, portanto, com dedos de fada conduzil-a pelo caminho do bem sempre que as más tendencias procurem desvial-a da estrada balsamica e radiosa do cumprimento do dever.

Nesse bellissimo e assombroso trabalho, nessa admiravel e encantadora vigilancia, não a percaes de vista, nem lhe appliqueis rigor, mas deixae transparecer edificantemente o carinho e a prudencia.

Fazei da creança ao vosso encargo uma amiguinha confiante e respeitosa, que, á vossa prestigiosa sombra se julgue intangivel e garantida.

Educando-a pelo amôr, pela brandura, pelo olhar amigo, compassivo ou mesmo reprehensivo porém manso, e pelo conselho docil e animador, tendes tudo a lucrar, porque, na maioria dos casos o rigor é sempre contraproducente.

Substitui, repito, o temor pelo amôr que é a base da mutua confiança.

Sêde severo mas delicado.

Fazei desse rebento divino, se assim posso dizer, o anjo do lar e a garantia das futuras gerações.

Cumpre-vos também fiscalizar a creança no trabalho, no estudo e no recreio.

E' fóra de duvida que a vista discreta tudo alcança.

Para chegardes facilmente ao fim almejado, deveis colher todos os detalhes. as ingenuidades, as nadas que offerece a creança e formular, de tudo isso, regras de civilidade, principios de economia, correcção de linguagem, formação moral e intellectual.

Depois de assim procederdes, tereis incontestavelmente um bello e vasto programma a desenvolver.

Um objecto deixado cahir e por negligencia esquecido, o desalinho das vestes e tantas outras pequeninas cousas são incentivos á doutrinação, pois offerecem a opportunidade de corrigir a indolencia natural — a falta commettida.

Reservados os casos especiaes, as admoestações devem ser feitas de modo geral e não apontando alguém.

Sejam particulares e opportunas as observações em materia grave.

Cumpri na integra o vosso dever, que não é sómente transmittir conhecimentos ou illustrar espiritos, mas principalmente formar caracteres

Reparae que essa formação provem do aproveitamento bem orientado dessas insignificancias, das inconsciencias infantis, dos vicios e dos caprichos que tomam muitas vezes os fóros de virtudes.

Lembrae-vos de que essa acção deve ser desenvolvida com interesse pelo educador em continuação á acção paternal, por isso que a escola, não ha negal-o, é um segundo lar.

As pequenas faltas das creanças são germens damninhos que proliferarão um dia, se a educação não fôr vigilante e perfeita, ou se o mestre não souber ou não procurar exterminal-os.

O papel do professor em tão ardua missão não deve limitar-se á corrigenda do mal feito da creança. A infancia precisa também de ser animada nas boas obras que pratica. Um elogio franco do professor, uma palavra de enthusiasmo pela justiça praticada, um applauso, em dado momento, desarmam os rebeldes, despertam os descuidados, encorajam os fracos, estimulam os indifferentes e quebrantam os desobedientes, do mesmo modo que um sorriso, a tempo, faz desapparecer a colera, a prevenção e o máo humor.

Nada de egoismo. "Dae a Cesar o que é de Cesar"; a exemplo de alguns corrigir-se-ão os demais; sem que muitas vezes haja uma só reprovação.

Ao lado dos pequenos castigos collocae a sensivel justiça.

Assim também os que por indole se inclinam ao bem, procurarão ser perfeitos pelo desvanecimento de agradar e obter a primazia.

As preferencias são condemnavéis, pois dellas dimanam não raramente o relaxamento de uma classe.

Finalmente, se a excepção da regra leva um dia a creança a exercitar-se e a cumprir os seus deveres escolares, é o momento de animar-a a continuar no bem.

Comparae o seu proceder de hoje com o de hontem, encorajae-a e nesta parte tereis cumprido o vosso dever.

Não menos, senão mais interessante é a parte intellectual.

O estudo deve ser proporcional ao desenvolvimento e capacidade de cada creança. Assim deveis applicar-lhe lições claras, faceis e curtas.

Evitae o mais possivel forçar a intelligencia e a memoria de quem começa.

Um assumpto grave e pesado não póde deixar de fatigar um cerebro delicado e baldo de qualquer instrucção. Dahi vem o tédio e tambem o horror ás letras, ao passo que um ensino intuitivo, simples, docil, agradável e proporcional não só desperta, mas ainda attrae e estimula maravilhosamente a creança anhelante de luz e saber, o que constitue a grandeza de uma obra triumphal e a riqueza de um inapreciavel thesouro.





## A ESCOLA NOVA E O PROFESSOR

A bôa e integral organização de toda e qualquer instituição, considerada sob os seus multiplos aspectos, é, á primeira vista, uma cousa complexa e problematica. Mas desde que a encarremos nas suas diversas modalidades, confrontando-a com as suas congeneres, para depois moldal-a segundo um criterio rigoroso de observações, todas as duvidas e obstaculos, que a principio lhe serviam de estorvo, tendem a desaparecer forçosamente, e uma nova força nos impele a avançar em busca do objectivo desejado, sem mais as apreensões e dificuldades que pareciam impedir o progresso do mesmo.

Tal é o caso da escola nova. Surgiu quasi bruscamente no seio do grande mundo educativo. E pelas variedades dos seus metodos, principalmente por ter feito ruir tudo quanto era antagónico e rotineiro, causou um grande abalo, e até escandalo, entre as familias — e professores também, que, coitados, não se conformam jámais com a derrocada do velho sistema educativo e de todos os seus apetrechos, procurando por todos os meios obstar a ação do professor, consciente do seu dever.

Os paes, por seu turno, vivem a nos martelar os ouvidos, numa cantilena continua de recriminações, dizendo que os filhos não aprendem nada, não têm medo do professor, e que a escola moderna é uma brincadeira. E, assim por diante, numa série de teorias erroneas, que, se não fôra a vontade firme que temos de levar avante a disseminação dos novos metodos nas escolas primarias, teriamos de parar ou retroceder, abandonando a luta quasi em vespera de uma vitoria estrondosa.

Com certeza querem que voltem os tempos em que o professor com os oculos na ponta do nariz, parecendo um carrasco prestes a deixar cair o golpe sobre a vitima, punha as creanças em circulo para o chamado argumento, e a palmatoria se fazia ouvir sobre as pequeninas mãos até tornal-as rubras ou ensanguentadas.

Mas que importava a ferocidade, se elas já sabiam lêr e escrever e tinham de cór todas as disciplinas?

Pais de familia e professores inconcientes: — tenham paciencia; se conformem e ouçam-me: — Esse tempo, tão decantado na lira de vossa imaginação doentia, não voltará jámais! Agora, o professor inteligente, aquele que tem um certo tiroci-

nio escolar e social, deve ver que a escola nova não pôde ser introduzida, nos meios pequenos, tão bruscamente, sem que primeiro se vençam os obstaculos que talvez venham tolher a sua verdadeira finalidade, implantar a anarquia, o destrandorno — resultados negativos de todo e qualquer empreendimento.

Um dos fatores que entravam a ação do mestre é a familia, mas para isto temos meios de que podemos lançar mão, sem contemporizar de todo.

Com um pouco de paciencia e arte tudo se consegue.

Mais difficil seria talvez derribar uma republica, constituida ha quarenta anos, entretanto foi o que acabámos de vêr e em um pequeno lapso de tempo. Assim é tudo mais.

Para que o professor possa agir livremente, evitando aborrecimentos, é necessario aliar a familia ao trabalho escolar. de modo que ela concorra com seu esforço e apoio na grande obra que estamos empenhados a realizar.

Para se chegar a este fim temos diversos caminhos a seguir, e, dentre eles, talvez o mais seguro, seja o de mantermos relações amistosas com os pais dos alunos que nos fôram confiados, procurando mesmo, como se fôramos intrusos, entrar-lhes, pouco a pouco no coração, para que possamos mostrar-lhes as vantagens do novo sistema, a sua finalidade, exemplificando sempre, e, ao mesmo tempo, mostrar a deficiencia do antigo por meio de um confronto com aquele.

Assim agindo, vamos em pequenas doses, inculcando no espirito dos pais o progresso do ensino, suas vantagens, etc. — e por ahi afora, num rosario de palavras lisongeiras e entusiastas, para que mais facilmente se deixem embalar e fechem os olhos ás idéas que ha muito caducaram.

E' este um dos meios mais praticos de fazer calar os pais que se revoltam. A questão é se ir devagar e com uma certa tatica. De modo que em vez de revolução nas familias, possamos em breve atingir o cume da evolução, sem alarde e escandalo.

E ha de chegar o dia em que os pais, pela força do habito, hão de cooperar pela realisção do ideal ha tanto tempo sonhado.

Entretanto, o que não se deve fazer é abandonar o terreno que já foi tomado de assalto, mas ir, palmo a palmo, ora enfrentando os velhos preconceitos sociais, ora aconselhando os proprios colegas, conservadores inveterados da escola antiga, mas avançar sempre e com ardor, para que a vitoria não se faça esperar.

E ela ha de vir, forçosamente. Mais tarde havemos de rivalizar com os povos que se orgulham do seu grande progresso educativo.

Mas, para que tudo que se tem dito a respeito, não passe de uma simples utopia, é necessario: tempo, trabalho e estudo. O professor que não estuda, nem se esforça, está condenado ao ostracismo e ao ambiente de horizontes estreitos, que lhe colo-

cou o insuficiente curso normal. E mesmo para que a escola nova atinja sua verdadeira finalidade, é indispensável que o professor conheça bem os seus métodos, programas, processos, etc., para não vir de encontro ao progresso da mesma, nem tão pouco, condenar as idéas daqueles que trabalham convictos de que estão seguindo as normas modernas de educação.

E' verdade que o professor do interior, devido ao seu pequeno ordenado, tem que lutar com certas dificuldades para comprar alguns livros e revistas que venham trazer um pouco de luz ao seu espirito, embotado pelo meio estreito em que vive. Mas se formos esperar pelos tempos bons, talvez que não cheguem nunca, e, assim, é melhor que enquanto eles não chegam, façamos alguma coisa para melhorar a nossa condição intelectual, e afastar o não lisongeiro conceito de que gosa o professorado do interior. A não ser que prefira a vida obscura e passiva do ignorante á ativa e brilhante do sabio.

A vitoria é daqueles que trabalham e vencem dificuldades, e não daqueles que esperam pelos outros, sem envidarem os meios necessarios. Como se póde vencer se se luta com soldados famintos?

Ora, o professor ignorante, aquele que se limita a seguir as pegadas de alguém, sem nada fazer por si mesmo, num servilismo revoltante, é um mendigo intelectual e moral, só serve para ir engrossar a fileira dos que não avançam com receio de uma queda, não falam com medo de não serem atendidos, embora que estejam no seu direito; e ahí ficam parados, como ostra na pedra, até que algum amigo ou outra coisa qualquer lhes dê um puxão que os obriguem a sahir da mediocridade em que viviam.

EZILDA MILANEZ



# CULTURA ESTETICA

## Sua Importancia no Ensino Objetivo

MARIO GOMES

Le beau peu se reveler tantôt dans les mouvements, tantôt dans les sensations, tantôt dans les sentiments.

M. Guyau.

O belo, se bem que tenha a sua relatividade de acôrdo com as diversas gradações da percepção individual, sugeito ainda a reações idiosincrasicas de certos temperamentos sensitivos, é de real importancia que se observe reagir beneficemente, na maioria dos casos, no aparelho sensorial, provocando impulsos de desejo, entusiasmo e resolução.

O ensino objetivo tem na cultura estetica um poderoso auxiliar. E' esta a razão pela qual fazemos hoje da escola centro de atração onde o asseio, a ornamentação simples, o trabalho construtivo, e os jogos educativos prendem a alma infantil que cheia de luz e beleza logo se adapta ao ambiente escolar aparelhado como centro condensador da sua atenção.

Se observarmos a conduta da creança no seu *habitat*, veremos que os seus primeiros movimentos instintivos revelam uma rudimentar inclinação estetica porquanto é atraída pelas côres vistosas, pelas vibrações sonoras, ou pelo movimento.

Existe, entretanto, de modo natural, nos primordios da evolução pedologica, certa desordem de conduta revelada pela creança na concepção ideologica do belo. Tomando isso como objeto da nossa observação, veremos que essa desordem, que se poderia algumas vezes caracterizar como indicio de anormalidade, é na maioria dos casos um movimento naturalissimo que revela o sentimento inato de liberdade ainda sem a precisa orientação.

A curiosidade muitas vezes oferece ensejo a tais movimentos, pois me lembro que quando creança, para saber a causa do tic-tac de um relógio, munido de um martelo, fiz saltar as suas rodas paralizando-o por completo. Este fato passou-se na

idade de três para quatro anos e foi a primeira lição que me deu a experiência.

De fatos dessa natureza estão cheios os anais pedagógicos. Devemos, pois, usar da atração do belo como processo educativo mas não esquecer de estar de atalaia observando de continuo as subtis particularidades relativas a cada caso.

Diz Guyau que o primeiro indicio da beleza no movimento está na força.

Conhecemos o prazer que sente a criança pelos exercicios fisicos, paradas militares, exercicios escoteiros, tertulias de classes e disputas de premios.

Assevera ainda que o ritmo é uma das modalidades da força pela maior ou menor resistencia que oferece. Todos sabemos da sua importancia estetica: — Os traços do desenho, as linhas dissimuladas da pintura têm que obedecer a um certo ritmo, relativo á escola que se segue. As proprias escolas atuais, sejam denominadas *futuristas* ou *cubistas*, todas obedecem consciente ou inconscientemente a uma expressão picturica que por mais que se distancie da ordem, tem que se subordinar aos ritmos da perspectiva e projeção. A poesia contemporanea que arrasta pelas ruas da amargura os parnasianos e condoreiros, se consegue sacrificar a rítima, ainda não se pode afastar do grilhão da pausa...

A coreografia e a ginastica propriamente dita, tomam na atualidade rumo diferente das escolas classicas, mas dentro da desordem racional e scientifica dos seus exercicios existe paradoxalmente um gracioso ritmo. O que se tem feito é apenas não força-lo, artificializa-lo o menos possivel, adaptando-o á mecanica muscular de um modo logico e acórde com os diversos movimentos naturais. E é isto o que exige a Natureza, entidade suprema nos assuntos educativos. Porque: "Le rythme ou l'ordre n'est donc pas á vrai dire quelque chose distinct de la force meme".

No ensino objetivo a beleza das sensações não só nos dá um grande elemento para a fixação e cultura da atenção, como serve de ponto de partida para a cultura dos **sentimentos**, quando então entramos no dominio da educação moral.

Eis o que nos oferece a cultura estetica das sensações: se atendermos para o sentido da vista veremos a atenção da criança voltada para a cromatização dos objetos, para as projeções da luz em suas multiplas variantes. Se falarmos da audição vel-a-emos reagir emotivamente ás expressões ritimicas das vibrações sonoras, ora adormecendo tranquilamente ao diapásão dolente de uma berceuse materna, ora dansando alegre

à ronda das cirandas ou marchar cheia de entusiasmo ao batuque marcial dos regimentos improvisados. Vemo-la ainda cantar ufana o hino da patria e as canções escolares.

Sobre as sensações do tato, que intimamente se relacionam com as impressões da visão, não ha quem desconheça a sofreguidão com que os meninos procuram tocar os objetos.

A maciez de certos tecidos, o polimento e os relevos artisticos são verdadeiros demonios que tentam a curiosidade infantil.

Não sabe, geralmente, ver sem pegar e nós professores sabemos bem os cabelos brancos que nos têm dado as exposições escolares. Sobre o gosto, basta lembrar que o fruto mais belo é sempre o mais cubiçado.

As reações e sensações produzidas pelo perfume são conhecidissimas. O sistema nervoso sobre a ação das suas ondas, vibra de maneira interessante, produzindo, como sobre a ação da musica, diversos estados de consciencia. A alegria, a religiosidade, podem ser despertadas pelo perfume.

---

Sobre a estetica dos sentimentos falaremos pouco.

E' um campo vastissimo de observações que isoladamente daria um compendio se não nos faltasse cabedal filosofico para aborda-lo. O que porém nos interessa é falar da estetica do sentimento aplicada á escola. Voltamos pois a falar da beleza do movimento na estetica sentimental.

Partindo do principio que tudo é movimento, chegamos á conclusão de que todas as sensações e emoções estão sujeitas a vibrações que podem reagir positiva ou negativamente na psicologia individual acarretando estados diversos de conduta.

“Lá beauté superieure des mouvement est donc d'emprunte; elle vient de plus aut: C'est á la sphere de la volonté et des sentiments que nous devons nous elever pour em trouver l'explication”.

Emquanto que a estetica das sensações pertence quasi exclusivamente ao mundo objetivo, a beleza do sentimento tem o seu quê de independencia e age mais diretamente dentro da esfera da vontade. Estudando esta parte encaminharemos então a infancia á educação moral. Começará o professor a observar os impulsos volitivos e a gradação dos seus reflexos na conduta infantil.

O amor, o altruismo, a abnegação, o heroismo, são do dominio da estetica do sentimento. São movimentos que partem de dentro para fóra ainda que esses sentimentos possam ser estimulados pelo mundo objetivo.

Cabe ao preceptor observar essas volições para que não degenerem em paixão, odio, prodigalidade, imprudencia ou fanatismo.

A conduta do aluno é a revelação positiva do seu índice pedológico.

Os seus gestos, a expressão termométrica e orientadora do professor no aproveitamento da estética na cultura dos sentimentos.

Cabe-lhe entretanto procurar manter o equilíbrio de tais sentimentos sem coação á liberdade, não usando o recurso dos castigos corporais de todo banidos da pedagogia moderna pelos seus resultados negativos e perniciosos.

A persuasão lógica dos máos efeitos oriundos de um ato de indisciplina, ilustrada pela desordem das suas consequencias é o meio mais facil de corrigir o aluno.

Sempre é mais prudente aconselhar que ralhar.

Um conciso argumento dá, na maioria dos casos, melhores resultados que o castigo

Finalizando direi que a escola por mais simples que seja dispõe de um variado aparelhamento capaz de ajudar ao professor da aplicação da Estética no Ensino Objetivo.

Tudo depende da sua inteligencia, do seu pendor profissional, da sua capacidade tecnica e do seu gosto artistico.

O ensino assim orientado fará da escola um viveiro de encantos, transformando os espinhos da profissão em objetos de prazer e estudo continuo.

# LIGEIRAS NOTAS Á GUISA DE ESTUDOS SCIENTIFICOS

## MARÉS

Chamam-se marés as ascensões e descensões dos movimentos periodicos das aguas do mar, pelos quaes ellas se elevam alternativamente duas vezes por dia correndo do equador para os pólos e dos pólo para o equador, deixando a descoberto uma parte menor ou maior do sólo submarino.

Estes movimentos são assás bem conhecidos por todos os habitantes das costas oceanicas. Quando as aguas por effeito da attracção lunar e solar correm do equador para os pólos, o mar cresce durante seis horas e 15 minutos attingindo o nivel maximo que é o da preamar; depois dá-se a inversão do phenomeno, isto é, as aguas reflutem dos pólos para o equador, o mar desce durante seis horas e 15 minutos, attingindo um nivel minimo, que é o da baixa mar.

Ac primeiro phenomeno dá-se o nome de fluxo ou montante e ao segundo de refluxo ou jusante.

As oscillações das marés podem attingir maior ou menor amplitude conforme as estações do anno e os quartos da lua.

Amplitude de uma maré é a differença de nivel entre uma preamar e a baixa-mar seguinte. Esta amplitude de alguns decimetros nos mares fechados póde attingir a alguns metros nas bordas dos oceanos. O aspecto da costa é então profundamente modificado no espaço de algumas horas. Emquanto na preamar as aguas enchem os portos até os altos dos cáes e diques e vêm bater nos rochedos e dunas; com a vasante ou baixa-mar, as aguas chegam até abaixo dos diques; os pequenos portos são postos a sêcco, os seus barcos emersos, encalhados nas vasas e logares arenosos se descobrem, levando á margem á centena de metros para o largo. Ainda são observadas marés fortes no mar montante ao longe; e ao refluxo marés fracas de amplitude duas ou três vezes menores.

Parece, ao observador das costas dos mares, que um laço mysterioso liga este immenso movimento respiratorio do mar, ora amplo e profundo, ora ligeiro e quasi imperceptivel ás phases da lua. E' assim que se aproveitam dos rochedos para avaliar a menor ou maior amplitude das marés.

Os sabios se utilizam no entanto das escalas graduadas, collocadas de encontro aos cáes dos portos, de um instrumento chamado maregrapho que promptamente registra todas as variações do phenomeno.

Maregrapho simples, é o fluctuador collocado em lugar muito abrigado do porto, cuja variação de nivel vem se inscrever sobre um cylindro accionado por um mecanismo de relógio, de movimento de rotação proporcionado ao tempo. Para se estudar a maré ao largo se emprega o maregrapho mergulhador, verdadeiro barometro, que collocado no fundo do mar registra sobre um cylindro gyratorio pressões crescentes ou decrescentes, segundo a altura das aguas que o encobre.

Observações attentas permitem então affirmar os seguintes factos:

1.º — as marés fortes têm lugar nas épocas em que o Sol e a Lua estão mais proximos do equador, isto é, nos equinoxios, por isto são chamadas equinoxiaes.

2.º — as mais fracas dão-se quando o Sol e a Lua estão mais proximos da quadratura terrestre, devido ao atrazo de cinquenta minutos e trinta segundos da passagem da Lua pelo meridiano, as marés soffrem um retardamento igual ao tempo gasto pela Lua na passagem do meridiano.

3.º — cada maré alta se produz num lugar dado em numero de horas constantes depois da passagem da Lua no seu meridiano.

4.º — as amplitudes das marés differem segundo as épocas: crescem desde um ou dois dias depois dos primeiros e ultimos quartos da Lua até um ou dois dias da Lua Cheia (syzigia). Estas ultimas marés, as mais fortes, são chamadas marés de aguas-vivas; as marés de quadratura que são as mais fracas são chamadas marés de aguas-mortas. As marés de aguas-vivas de maiores amplitudes estão cada anno nas approximações dos equinoxios. A constatação desses phenomenos levaram os astrónomos a procurar a causa das marés nas influencias combinadas do Sol e da Lua, firmados na theoria da gravitação universal. A terra descreve em torno do Sol uma trajetoria circular analoga a de uma pedra que tivéssemos presa a um fio. Partindo-se o laço a pedra se afastaria immediatamente do lançador, em virtude da força centrífuga, porque a materia não podendo deter-se por si propria, tende á inercia. Do mesmo modo, a terra descreve em torno do Sol uma curva fechada é que ella lhe está como que ligada por meio da força de attracção, lei mysteriosamente advinhada e precisada por Newton.

Se, portanto, a attracção solar faltasse subitamente á Terra ella caminharia na mesma direcção que possuísse neste instante fatal e se afastaria para sempre do Sol.

Para fazer a curva da orbita da Terra, e para retel-a em torno de si, o Sol, centro do systema sideral, domina a força centrífuga de que está animada a Terra. Caso este phenomeno não

se operasse a Terra tenderia de se afastar de seu centro de attracção que é o Sol. A força de inercia em movimento circular cresce com a velocidade. E' assim que devido á attracção solar o centro da Terra se desloca como se toda a sua massa se tivesse concentrado estabelecendo se no centro da Terra um equilibrio constante entre a força attractiva do Sol e a força de inercia centrifuga.

**DEMONSTREMOS:** — Se tomarmos uma gotta de agua esclarecida pelo Sol, ella ficará mais proxima deste do que de seu centro. A attracção solar é ahí intensissima e do outro lado ha um raio menor do que seu centro; a rapidez linear portanto é mais fraca na gotta d'agua, assim como a sua força de inercia centrifuga. Ha, portanto, nesta gotta d'agua excesso de força de attracção e tende a ser levantada para o Sol por uma pequena força. Um raciocinio semelhante mostra que uma gotta d'agua collocada numa região da Terra onde se faz noite e consequentemente mais afastada do Sol que seu centro, soffre um excesso de força centrifuga e é afastada do Sol por uma pequena força. O outro lado da gotta d'agua está submettido á força de attracção da Terra dirigida para o seu centro. Ella, portanto, não pôde deixar a Terra; mas sob a acção combinada do peso e das forças respectivamente, tende a se deslocar: a primeira para o ponto mais approximado do Sol e a segunda para o ponto mais afastado. Assim a agua dividida uniformemente na superficie da Terra tende a vir formar num ponto dado e no seu antipoda dois volumes e na sua superficie duma forma de equilibrio que é uma ellipsoide de revolução de seu eixo, ora, assim não pôde haver equilibrio possivel. Desta fórma a agua não pôde attingir sua posição de equilibrio senão pelo movimento e já vimos que a materia em movimento não se detem por si mesmo. Do outro lado o mesmo facto se deduz devido o movimento da Terra que de 24 em 24 horas, offerece, alternativamente á caricia solar novas regiões. A agua está, portanto, em movimento permanente em consequencia de um equilibrio que nunca se realiza. Do que procede podemos concluir que sob o effeito da attracção solar produz-se duas marés nos antipodas um do outro, deduz-se portanto que as marés são produzidas pelas attracções solares e lunares combinadas com a rotação da Terra e se realizam intermittenmente, todos os dias, durante seis horas e quinze minutos.

Apezar de sua pequenez, a Lua provoca um levantamento nas aguas duas vezes e meia maior que aquella que é devida ao Sol; isto provém de que ella está quasi 500 vezes mais approximada da Terra do que elle. A *maré lunar* é pois mais sensivel, sendo o effeito da *maré solar* sómente perturbador: a *maré resultante* tem uma grande amplitude quando os effeitos se ajuntam e pequena amplitude se as marés se afastam. Do exposto tiram-se as seguintes consequencias: a) ha duas *marés* por dia em um lugar, e estas *marés* retardam cada dia cerca de cincoenta minutos e trinta segundos, devido á passagem da Lua pelo seu *meridiano*;

b) quando o Sol e a Lua se acham simultaneamente do mesmo lado da Terra (Lua Nova e Lua Cheia), as *marés solar e lunar* juntam os seus efeitos e estão em *aguas vivas*; c) quando o Sol e a Lua se acham a  $90^\circ$  um do outro, em relação à Terra, a *maré solar* vem destruir em parte o efeito da *maré lunar*, então estamos em período de *aguas-mortas*, (1.º e ultimo quartos da Lua); em cada período ou *mez lunar* de 29 dias, ha portanto duas épocas de *aguas-vivas* separadas por duas de *aguas mortas*; d) nas aproximações do *equinoxio* e na Lua Nova, não sómente o Sol e a Lua estão do mesmo lado da Terra, mais ainda os centros dos *três astros* quasi alinhados. O efeito *maximo de attracção* se produz, portanto, ao mesmo tempo e no mesmo *ponto do oceano*. E' no período das *aguas-vivas* do *equinoxio* onde a *maré* attinge a maior *amplitude* do anno.

Em virtude da sua *inercia* e das difficuldades variaveis do escoamento a agua não attinge nivel mais elevado em um logar dado senão depois da passagem da Lua pelo *meridiano* com uma demora que depende do logar considerado. Este retardamento póde attingir algumas horas, mas oscilla pouco em cada logar em torno de um valor medio que se chama o *estabelecimento do porto*. Concebemos do mesmo modo que se estabelece em cada logar entre a *syzigia* (cheia ou nova) e a *maré forte*, "*maré de aguas-vivas*". Esta demora que póde variar de seis a três horas, por quatro dias, se chama a *idade da maré*.

As mais fortes *marés do equinoxio* não têm todas a mesma *amplitude*.

Chama-se unidade de altura de um logar a mesma amplitude media da *maré maxima* do equinoxio. A maior amplitude de cada *maré* é então uma fracção mais ou menos grande desta unidade de altura variando entre  $30|100$  e  $120|100$ . O annuario das *marés* indica para cada *mar* cheio, o valor desta fracção chamada "*coefficiente de maré*". Por exemplo uma *maré* de  $90^\circ$ , isto é, de coefficiente  $90|100$  tem por meia amplitude  $1|80$ . As amplitudes de duas *marés* consecutivas em um mesmo logar podem ser bastante differentes.

Theoricamente a *maré solar* é de cerca de 55 cc e a *lunar* de 56cc. As mais fortes *marés* não deviam ter senão uma amplitude total de cerca de 1m. : ora, observa-se 7ms em Brest, 14 em Gran Ville e Cardiff, 16 nas costas da Patagonia, 18 na bahia de Tundy e na bahia de Guanabara. Isto provém de que a onda da *maré* quebrando junto das costas que lhe barram a passagem, se amplia consideravelmente; e esta ampliação se accentúa ainda mais nos canaes apertados, nas *bahias*, nas costas das ingremes praias ou nos golfos expostos ao largo. Ao contrario conforme a theoria, os *maregraphos em pressão* não registam no largo senão *marés muito fracas* cuja amplitude não attinge um metro. Conhece-se um certo ponto onde a onda da *maré* que sobe e a onda da *maré* que desce interfere de tal modo que o nivel medio é pou-

co mais ou menos invariavel: são os *pontos amphitromicos*. A amplitude da maré é francamente influenciada pela pressão atmosphérico: um mm. de mercurio, produz uma variação de nível 5 mm. A tempestade, em compensação, recalçando as aguas de ante de si, pode ter uma acção muito importante sobre a maré; uma maré media pode ser igual a uma maré de aguas-vivas; uma maré de equinoxio pode causar tanta destruição quanto uma effervescencia produzida por um tremor de terra ou uma erupção submarina.

VIANA JUNIOR





## VERDADEIRAS DIRECTRIZES DA EDUCAÇÃO

O Brasil atravessa, agora, uma phase de instabilidade, na qual ninguém poderá precisar o que nos está reservado nos dias futuros.

Todos os espiritos estão presos desta perspectiva e sentem a necessidade de tomar novos rumos, isto é, de fazer uma renovação.

E como preliminar desta acção reconstructora fez-se a Revolução de 30, que poz abaixo o situacionismo e, agora, a Nação se prepara para fazer novas leis, pelas quaes se regerá nos dias vindouros.

E' patente a bôa vontade dos idealistas; é certo que alguma cousa ha melhorado, mas tão cêdo não teremos as aspirações realizadas, porque é mister que se renove a propria nacionalidade, começando por cada um dos individuos que a compõem.

E este trabalho gigantesco não se ha de fazer de chofre, com o mudar de systema ou confeccionando novas leis, mas mudando-se a mentalidade dominante, dando-se á geração que nos ha de substituir uma educação integral, lapidando-se todas as facêtas da sua personalidade: physica, intellectual, moral e religiosa. Como se vê, não será a politicos ou a magistrados destinado o trabalho de realizar esta maravilha que nos ha de redimir, mas, ao magisterio primario, em cujas mãos está o futuro e a grandeza das gerações que vêm surgindo.

Traço estas linhas para a "Revista do Ensino Primario da Parahyba"; escrevo-as com toda abundancia do meu coração, porque as destino á infancia de minha terra. E só quando á infancia falo, eu me sinto maior que a minha pequenez, porque tenho a consciencia de que entro como factor da grandeza de minha Patria.

Agora que fiz o preambulo, vou expender as minhas idéas a respeito de como nós, os professores primarios, devemos nos desincumbir desta tarefa gigantesca, devemos realizar esta maravilhosa renovação por que todos ançeiam.

\* \*  
\*

Do methodo depende todo exito do systema educacional. Na robustez physica assenta o desenvolvimento das faculdades intellectuaes, dahi a necessidade de se fazer, desde o inicio, o desenvolvimento corporal do educando. E' mister, porém, que se proceda com toda cautella, submettendo-se, antes de tudo, o educando a um exame especial, para verificar que systema de gymnastica se lhe póde applicar, evitando, deste modo, consequencias funestas, como ha pouco presenciei em Campina Grande, um lar afflicto com a precaria saúde de uma joven de 13 annos em quem um exame radiographico attestou uma lesão cardiaca, resultante de gymnastica demasiada imposta áquelle organismo tão precocemente desenvolvido. Pelo dito, se conclúe que cabe ao Estado dotar as escolas de medicos especialistas incumbidos de fazer os referidos exames. Então, assim classificados, cabe-nos a nós, os professores, desenvolver methodica e harmonicamente todas as faculdades da personalidade humana.

Nós, que lidamos com creanças, sabemos que o que mais impressiona a sua mentalidade rudimentar são as fórmulas e os accidentes, é pois do concreto para o abstracto em todas as disciplinas, que devemos inicial-as. Deste modo, ficamos, ás vezes, maravilhados de como, depois de fixada a imagem, as creanças retêm os nomes das letras modeladas em madeira que lhes damos para brincar nos jardins de infancia. Progressivamente, quem quizer se surprehender da eficiencia destas lições, leve a sua classe ao campo, mostre-lhe as montanhas, as planicies, os rios, os brejaes; conduza-a á beira-mar, faça-lhe vêr a differença de nivel entre a immensa massa liquida, que excede a amplidão do horizonte e dos terrenos circumjacentes e de lá trará os seus alumnos com a idéa nitida e perfeita de todos estes accidentes geographicos, accrescida deste rudimento, que para muitos parece enigmatico, a altitude dos diversos logares.

No dominio da historia nada mais desperta tão vivamente a attenção da creança do que ferir-lhe a retina com a figura dos personagens que fôram comparsas dos acontecimentos que estamos a descrever.

Tenho para mim, que no seio destas duas disciplinas a que, só por synthese, me referi, podemos fazer integralmente a educação civica e moral daquelles que nos fôram confiados.

Descrevendo a immensidade do nosso caro Brasil, podemos, detalhadamente, com o ardor das nossas convicções, mostrar-lhes a extensão do seu territorio, a fertilidade assombrosa do seu sólo, a abundancia immensa dos seus rios, a inexgotavel riqueza mineral das entranhas da terra, a vastidão sem par das suas florestas.

No apreciar os acontecimentos que se desenrolaram no decorrer da nossa historia, havemos de apontar devidamente o quanto de esforço, abnegação e heroismo se despendeu no catechizar da barbaria, no amanho do sólo inculto e uberrimo. Ao nos reportarmos ás guerras que empreendemos, devemos pôr em destaque, sem emphase canibalesca, o heroismo que nos caracterizou quando resistimos aos estrangeiros, expulsamos os flamengos ou destruimos a tyrannia de Lopez. Assim orientados, os nossos educandos crer-se-ão filhos, como são, de uma terra grandiosa, rica de glorias e tradições. E não esqueçamos de lhes dizer que ella está collocada entre as maiores potencias do mundo e que só espera o esforço, o trabalho e a abnegação da geração que está se formando para tomar a hegemonia entre os povos americanos.

Não ha maior manancial de ensinamentos moraes do que a vida dos grandes homens, isto é, a vida dos santos, dos heróes, dos estadistas.

No Brasil, graças a Deus, temos personagens cuja vida póde servir de ensinamentos, vultos que se immortalizaram engrandecendo a sua Patria e honrando a sua raça e a humanidade. Bartholomeu (o voador), Cairú, Vidal de Negreiros e Frei Vital, Nabuco, Caxias, Rio Branco e tantos outros, são figuras em quem se pode apontar talento, virtudes, abnegação, desinteresse, heroismo, forte incentivo para a alma da juventude que intelligentemente orientada sempre aspira as cousas elevadas e nobres. Deste modo levaremos a creança, do concreto para o abstracto, fazendo amar a sua Patria pela sua grandeza physica e pelas bellezas moraes, ufanando-se das suas glorias e suas tradições.

Mas porque formar o homem, ser intelligente, que perquirir sobre tudo que está em torno de si e ainda dilata o seu olhar pelos horizontes fugidios e os espaços infinitos? Porque silenciar se elle mesmo sente que teve um começo e se dirige para um fim?

E' o caso de se cuidar da formação religiosa que a escola leiga obstinadamente despresou. Este é um problema essencial que não pode ficar inslúvel. E não terá sido o seu afastamento que provocou a fallencia da republica que se abysmou?

O que é certo é que em todos os paizes em que se tem prescindido do ensino religioso ha desordens sociaes, porque não ha, no fôro intimo das gerações que apparecem, principios que justifiquem o sacrificio das inclinações naturaes ao cumprimento do dever.

Agora que estamos num periodo de reconstrucção nacional, retomemos o caminho que tão funestamente deixamos de percorrer. Reinvidiquemos para esta geração que nos está confiada o seu maior patrimonio moral — a sua religiosidade. Pro-

clamemos sempre o nome de Deus. Digamos sem reboços e sem respeito humano, a estas creanças que estamos habilitados para os embates da vida, que esta fé, apanagio de toda raça latina, foi quem gerou a coragem dos nossos bravos descobridores; quem apoiou a fraqueza dos heroes inermes que venceram a nossa bar-  
baria e fizeram desta terra de bugres, esta patria grande, bella e forte.

Campina Grande, 8-1-33

S. LOUREIRO





## LABORATORIO E PHARMACIA:

Os exames de laboratorio foram feitos na Directoria de Saúde Publica e as receitas dos alumnos reconhecidamente pobres, aviadas na Pharmacia do referido Departamento, conforme determina o regulamento em vigor.

|  |     |
|--|-----|
| Exames pedidos á Saúde Publica . . . . . | 21  |
| Receitas . . . . .                       | 179 |
| Injecções applicadas . . . . .           | 105 |
| Curativos . . . . .                      | 12  |
| Vaccinação contra variola . . . . .      | 417 |
| "    anti-typhica . . . . .              | 41  |

## LANCHE ESCOLAR:

Durante os mezes de Março, Abril e Maio funcionou num dos salões da Escola Normal posteriormente adaptado — O lanche escolar, constando de leite, coalhada e chocolate, distribuimos diariamente lanche gratis ás creanças pobres mediante pequena remuneração aos meninos mais favorecidos pela fortuna, com as remunerações destes e uma subvenção mensal de 150\$000 dada pelo Estado, corrigiamos a alimentação deficiente de muitas creancinhas que frequentam diariamente as nossas escolas, muitas vezes sem a primeira refeição da manhã. Este humanitario e util serviço, depois de sufficientemente aparelhado, graças á pertinaz trabalho e interesse de algumas pessoas, foi suspenso por circumstancias superiores.

Eis o movimento dos 3 mezes:

|   |            |
|---|------------|
| Material existente . . . . .            | 427\$000   |
| 651 litros de leite . . . . .           | 457\$500   |
| Assucar . . . . .                       | 60\$000    |
| Chocolate . . . . .                     | 110\$000   |
| Empregados . . . . .                    | 120\$000   |
| Total . . . . .                         | 1:174\$500 |
| Subvenção recebida . . . . .            | 300\$000   |
| Total de lanches distribuidos . . . . . | 4.553      |
| Lanches gratis . . . . .                | 2.063      |

## CLINICA DENTARIA:

O serviço dentario escolar que faz parte desta Inspectoria, a cargo do cirurgião-dentista A. Cavalcanti Henriques, funcionou regularmente por seis mezes durante o corrente anno. A interrupção do Serviço durante as ferias de Junho, os dias de luto official pela morte do saudoso Interventor Anthenor Navar-

ro e finalmente o afastamento do cirurgião-dentista para o sul por effeito da revolução paulista, prejudicaram grandemente o funcionamento do consultorio dentario, porém, apesar de tudo isto notamos em seus mappas e fichas individuaes maior numero de trabalhos executados que nos demais serviços congeneres mantidos ou subvencionados pelo Estado. Para maior esclarecimento publicamos abaixo os trabalhos feitos nesta Inspectoria em seis mezes, comparando-se com os da Clinica Infantil publicados no anno passado e durante um anno de funcionamento:

Clinica dentaria escolar em mezes:

|                                     |       |
|-------------------------------------|-------|
| Creanças matriculadas .. .. .       | 1.023 |
| Tratamentos .. .. .                 | 3.028 |
| Obturações definitivas.. .. .       | 605   |
| Obturações preparatorias .. .. .    | 70    |
| Extracções dentarias .. .. .        | 717   |
| Intervenções com anesthesia .. .. . | 848   |

Clinica Odontologica do S. de H. Infantil:

|                               |       |
|-------------------------------|-------|
| Creanças matriculadas .. .. . | 1,023 |
| Tratamentos .. .. .           | 2.475 |
| Extracções dentarias .. .. .  | 758   |
| Obturações .. .. .            | 295   |

Deante da comparação acima julgo desnecessario commentar a eficiencia do Serviço dentario escolar. A carie dentaria é um dos grandes males que atormenta os nossos escolares, prejudicando o seu desenvolvimento, atrophiando o organismo e dando origem a diversas molestias do apparelho digestivo e ainda abcesso dos pulmões. E' durante o periodo de 7 a 12 annos que a creança frequenta o curso primario e é justamente nesta idade que ocorre no apparelho dentario a troca dos dentes temporarios pelos permanentes.

A primeira dentição sendo mal calcificada e de modo geral invadida pela carie transmite esta a segunda se não houver a intervenção clinica, resultando o desmoronamento de todo o apparelho dentario para o futuro.

Deante de tudo isto, é de toda conveniencia a criação de mais um cirurgião-dentista para attender com mais eficiencia á nossa grande população escolar. E' de justiça, porém, que o Estado remunerere melhor esses profissionaes, visto como, empregos mal remunerados servem de attracção sómente ás nullidades, se approvadas as suggestões abaixo que tivemos a honra de avisar ao sr. secretario do Interior e Segurança Publica, tere-mos no anno proximo vindouro um serviço eficiente e sufficiente ao nosso meio, apenas com um pequeno augmento de despesa.

## EIS O QUADRO:

|  |             |
|--|-------------|
| 2 cirurgiões-dentistas a 600\$000 ..     | 14:400\$000 |
| Material dentario .. . . . . . . . . . . | 2:600\$000  |

Ou ainda, para mais economia nas despesas o Estado poderia annexar o Gabinete Dentario da Assistencia á Infancia ao Gabinete da Clinica escolar, havendo neste caso um pequeno augmento na verba pessoal, caso esses profissionaes passem a ganhar 600\$000 em vez de 400\$000.

E' conveniente o Estado cobrar uma pequena taxa aos alumnos beneficiados pelo Serviço, para não tornal-o inteiramente gratuito como succede no Rio de Janeiro onde é cobrada a taxa mensal de \$400 para o Gabinete Dentario. Tenho certeza de que se o Estado tomar estas medidas prestará um grande bem á nossa gente e dará um bello exemplo ao mundo que ainda nos olha como pouco civilizados.

João Pessôa, 16 de Novembro de 1932.

DR. SEVERINO PATRICIO,  
Insp. Medico Escolar.

# SUGGESTÕES DE ECONOMIA

## NO CUSTEIO DA INSTRUÇÃO

(*Communicado da Directoria Geral de Informações, Estatística e Divulgação do Ministerio da Educação e Saúde Publica*).

No ultimo communicado da Directoria Geral de Informações, Estatística e Divulgação foram apreciadas algumas conclusões da Conferencia realizada em janeiro ultimo, no edificio da Academia Nacional de Sciencias, de Washington, para estudar as bases do programma a seguir na preservação dos altos interesses educacionaes dos Estados Unidos, em face das contingencias da crise financeira e economica em que se debate o mundo contemporaneo. Completando aquella noticia, ainda se afigura opportuno divulgar mais alguns dos preceitos propostos pela conferencia á meditação do responsavel exclusivamente a preferencia que, desde os primordios da nacionalidade, dispensou o povo americano á formação da mentalidade da juventude como base da solidez e do desenvolvimento seguro das instituições democraticas. Os votos emittidos precisaram, preliminarmente, a natureza do objectivo que se tinha em vista alcançar, accentuando que se tratava da politica a ser adoptada para attender á educação, considerada um dever fundamental da administração publica no que concerne á salvaguarda de sua efficiencia pela garantia de funcionamento segundo um regime financeiro estavel, não sujeito a perturbações essenciaes resultantes de causas de emergencia.

Declarou-se ter a Conferencia como proposito ajustar as despesas com as escolas á perspectiva de condições economicas de persistente duração, sem prejudicar os direitos da população infantil.

Para attingir esse *desideratum* recommendou-se a propria reorganização dos govêrnos locaes, admittido o presuposto de que até as reformas administrativas geraes se justificam no interesse do ensino que é a base de toda a organização social.

Suggeriu-se, com o mesmo proposito, suppressão do todo e qualquer contrôle ou interferencia da politica na esphera educacional e alvitrou-se a reorganização dos serviços de instrução estaduaes de modo a lhes assegurar a autonomia sob uma di-

recção profissional inacessível ás influencias de natureza politica.

Manifestou-se ainda favoravel a Conferencia de Washington á refórma dos systemas tributarios nacional, estaduaes e locais, em beneficio da instrucção, e declarou-se em opposição á reduccão dos periodos lectivos como medida de economia, por importar tal criterio na limitação das oppportunidades offerecidas á educação da juventude. Desaconselhou a sobrecarga no ensino quer quanto aos cursos, quer quanto aos horarios, desde que venha a affectar a capacidade individual de cada professor para ministrar a cada alumno uma instrucção razoavel admittindo apenas essas soluções em casos excepçionaes, justificaveis pela qualidade da fiscalização e pela experiencia e predica-dos pessoas do mestre, bem como em virtude de disposições já existentes quanto aos alumnos excepçionaes ou dos methodos de agrupamento das turmas de discentes.

A diminuição do salario do professorado não deverá ser admittida senão em ultima instancia, sendo preferiveis, a esse recurso extremo, o adiamento da construcção de edificios quando e onde fôr possivel, a refórma dos serviços de administração, o melhor ajustamento na constituição das classes e a restricção da actividade das instituições auxiliares.

A revisão dos salarios, nos casos imprescindiveis, deverá levar em conta as variações do custo da vida para as classes docentes, individualizando-se conforme as condições das commu-nidades servidas pelo professorado.

As restricções nos gastos com a construcção de edificios escolares deve ser objecto de grande ponderação, porquanto poderá reflectir-se na vida industrial das localidades onde se verificarem, aggravando o problema da desoccupação, o qual, por sua vez, resulta em fonte de despesas pela necessidade de soccorrer aos desempregados. Cumpre ainda considerar que, devido á crise vigente, o custo por unidade, nas construcções, representa um minimo que se poderá elevar de futuro ao dobro do indice actual. O criterio mais vantajoso estará sempre na intensificação dos esforços no sentido de utilizar com o maximo de proveito a capacidade das installações existentes, o que, aliás, ficou demonstrado em estudos já realizados e dos quaes se concluiu que, em grande numero de commu-nidades de varios pontos do país, o melhor aproveitamento dos predios escolares poderá ser conseguido com vantagem para a maior eficiencia do ensino.

A este respeito vem a proposito assignalar que, no Brasil, inspirada em criterio identico a Directoria Geral de Instrucção Publica do Districto Federal, provendo a uma adequada distribuição das classes pelos educandarios existentes conseguiu augmentar consideravelmente as oppportunidades de ensino offerecidas á população da capital da Republica, permittindo um consideravel incremento (cerca de 8.000 alumnos) nas cifras da matricula das escolas publicas municipaes.



**Anno**

**6\$000**

**Numero avulso**

**2\$000**